

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

CAMILLA MARAMALDO FERREIRA

VOCABULÁRIO DIALETAL MARANHENSE:
a contribuição do Maranhão para o Dicionário Dialectal Brasileiro

SÃO LUÍS
2019

CAMILLA MARAMALDO FERREIRA

VOCABULÁRIO DIALETAL MARANHENSE:
a contribuição do Maranhão para o Dicionário Dialeto Brasileiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Letras (Língua Portuguesa).

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientador: Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

São Luís
2019

CAMILLA MARAMALDO FERREIRA

**VOCABULÁRIO DIALETAL MARANHENSE: a contribuição do Maranhão para o
Dicionário Dialeto Brasileiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José de Ribamar Mendes Bezerra

Orientadora/Presidente
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Luís Henrique Serra

Examinador Externo ao PG Letras
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Georgiana Márcia Oliveira Santos

Examinador Interno ao PG Letras
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Heloísa Reis Curvelo Matos

Membro Suplente interno ao PG Letras
Universidade Federal do Maranhão

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Maramaldo Ferreira, Camilla.

Vocabulário Dialetal Maranhense: a contribuição do Maranhão para o Dicionário Dialetal Brasileiro / Camilla Maramaldo Ferreira. - 2019.

119 f.

Orientador(a): José de Ribamar Mendes Bezerra.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís-MA, 2019.

1.Vocabulário. 2 Vocabulário Dialetal Maranhense. Linguístico do Brasil. 3. Português falado no Maranhão. 4. Dicionário Dialetal Brasileiro.

I de Ribamar Mendes Bezerra, José. II. Título.

À minha avó, Maria Joana (in memoria), que em sua pureza e docilidade me chamava de “doutora Camilla Maramaldo” e que por isso prometi a ela que ainda teria oficialmente esse título. E à minha mãe guerreira, nossa eterna D. Rosa (in memoria), pelo seu incansável empenho e dedicação em me educar fazendo o quase impossível para que eu pudesse ter tudo que um dia ela não pôde.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro ao meu bom Deus, uno e trino, que na pessoa do seu Espírito Santo, me conduziu para que pudesse chegar até aqui. Diante de tudo que vivi esses últimos 26 meses, não teria sido possível sem a Sua presença diária na minha vida, no meu ser.

Ao meu filho, Ravi, que como ele mesmo diz, é o amor de minha vida. Filho é motivação para os meus melhores sonhos e força nos meus momentos mais difíceis.

Ao meu irmão, Igor, com quem pude dividir meus projetos, minhas alegrias, meus medos, minhas frustrações. Eu te amo muito!

Ao meu pai, pelo modo como me criou e me transmitiu valores tão raros de se encontrar em boa parte das pessoas que já passaram pela minha vida. Obrigada por ter contribuído para que eu seja a mulher que eu sou hoje.

Ao meu avô, Isaias Maramaldo, que teve um importante papel na minha trajetória escolar e de vida, dos bombons que levava rigorosamente todos os dias para que eu pudesse vender na escola, aos carinhos e cafunés naquela rede que só os meus primos podem falar a respeito. Hahaha!

À minha tia e madrinha Roseane Maramaldo que, mesmo tão diferente da minha mãe, se esforça para que essa dor imensurável da ausência seja pelo menos amenizada por meio de cuidados, carinhos, consolos que ela me oferece. Obrigada, por fazer parte da minha vida de forma mais intensa hoje.

A todos os meus familiares que tanto me amam e que torcem pelo meu sucesso, meu tio Henrique (meu best), as minhas primas lindas, Thayane, Jaqueline, Luiza, Daniele e todos os outros. Vocês sempre são lembranças minhas a cada conquista que tenho.

À minha amada e “famosa” tia Zeca, como sempre dizem quando me refiro a senhora. Por ter me ensinado a ser forte e inabalável como a senhora é. Claro que não cheguei no seu nível, mas já dei uns passinhos. Tia, não teria sido possível sem sua presença na minha vida hoje. Obrigada por me aceitar na sua família, na sua vida e como a senhora diz, no seu coração.

À Chica, a “Cica” do Ravi, e por ser dele, minha também. Obrigada pelo apoio e parceria comigo e meu filho. E a Maria, pelo seu amor e cuidado com nosso Ravi. Vocês sempre farão parte de nossas vidas.

À professora Conceição, minha gratidão profunda por tudo que a senhora fez por mim até aqui e por ser óbvio que minha vida acadêmica não seria a mesma sem a sua presença, minha orientadora de tantos anos. Muito obrigada!

Ao professor Mendes, pelo seu empenho significativo em me ajudar a concluir este trabalho e por ter me ajudado tantas vezes a melhor viver a vida. Obrigada, o senhor foi e é muito importante para mim.

A todos os colegas do Projeto Atlas Linguística do Maranhão, na pessoa de Luís Serra, quem eu muito admiro e que sempre esteve ao meu lado. Por todos os outros que me motivam dividindo comigo sonhos comuns e áreas de pesquisas afins.

À Josiane Ramos, minha irmã de coração, com quem eu pude dividir a minha infância e me espelhar, por ser uma referência de vida para mim. À sua mãe, D. Joana, que sei o quanto torce por mim e pela minha felicidade. E a seu esposo Wagner Jales, não só por me emprestar seu notebook e viabilizar o término da escrita de minha dissertação, mas por ser umas das pessoas mais admiráveis que eu conheço.

Às minhas amigas que eu sei o quanto me querem bem e que me acompanharam durante anos e, por isso, jamais esqueceria de citá-las, Julliene Gomes, Virgínia Miranda, Jéssica Nogueira, Aline Serejo, Tayana, Alana Brito. Vocês sempre serão parte de mim.

A Danilo Dantas, não por ter dito que um dia queria seu nome em algum livro meu (rsrsrs), mas por sua amizade ter me trazido a leveza da vida, e pelo brilho irradiante que é tão difícil encontrar em um ser humano.

Às pessoinhas que entraram na minha vida ao longo desses dois anos e, mesmo sem a total compreensão do que seria essa experiência de 'fazer mestrado', de algum modo, passaram por isso ao meu lado. Junior Muniz, Leonardo Barros, Tatiane Gomes, Edson Marcos, Wesley Dantas, Myllena Caldas, Michelle Caldas, Raquel Monteiro e Jéssica Cadja. Nunca vou esquecer dos puxões de orelha e da frase: "vai escrever tua dissertação".

*“Chega mais perto e contempla as palavras. Cada
uma tem mil faces secretas sob a face neutra.”*
Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

É fato consabido que muitas unidades do léxico não estão suficientemente contempladas nos dicionários gerais das línguas. Nesse sentido, e em se tratando da língua portuguesa, em sua variedade brasileira, há um registro sistemático de unidades lexicais que, muitas vezes, não reflete a realidade do léxico do Brasil. Tendo em vista essas considerações, este estudo – vinculado a uma pesquisa mais ampla intitulada Dicionário Dialetal Brasileiro (DDB), cujo objetivo central é a criação de um dicionário que englobe a diversidade linguística do Brasil – tem como foco apresentar um Vocabulário Dialetal Maranhense (VDM). Os pressupostos teóricos-metodológicos que esta pesquisa se ancora são a Dialetologia, Geolinguística, Lexicografia e da Linguística de *Corpus*. Nesse sentido, foram catalogadas 641 unidades lexicais utilizadas por falantes maranhenses, obtidas por meio da aplicação do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Os dados coletados evidenciam o uso de unidades lexicais tais como *poxó*, *caxingó* e *cocholó*, empregadas para referência à unidade lexical *manco*. Esses dados estão analisados em uma perspectiva quali-quantitativa, seguindo as bases metodológicas propostas para o DDB considerando algumas peculiaridades referentes aos dados e à elaboração do VDM. Este trabalho se apresenta, portanto, como forma de ampliar o conhecimento da língua falada no Estado e oferecer subsídios para a construção do DDB, contribuindo, ainda, para um mais amplo conhecimento do léxico do português do Brasil e, mais particularmente, da variedade maranhense.

Palavras-chave: Vocabulário. Vocabulário Dialetal Maranhense. Português falado no Maranhão. Dicionário Dialetal Brasileiro.

ABSTRACT

It is a well-known fact that many lexical units are not sufficiently represented in the general dictionaries of languages. In what concerns to Brazilian Portuguese, there is a one only systematic record of lexical unities that presumably does not represent the reality of the Brazilian lexicon. Having these considerations in mind, our study - linked to a broader research, Dicionário Dialetal Brasileiro (DDB), whose main objective is the making of a dictionary that encompasses the linguistic diversity of Brazil - has as main objective to present the Vocabulário Dialetal Maranhense (VDM), the proposal of a description of the linguistic reality of Maranhao, in what concerns to its lexical structure. Therefore, this research is anchored in the theoretical and methodological assumptions of Dialectology, Geolinguistics, Lexicography and Corpus Linguistics. There were catalogued 641 lexical unities used by speakers from Maranhão, obtained through the application of the Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB. The collected data evidenciates the usage of lexical units such as *poxó*, *caxingó* e *cocholó*, used for reference to the lexical unit *manco*. These data were analysed in a quantitative and qualitative perspective, according to the DDB's methodological frame considering some peculiarities regarding to data and the elaboration of VDM. This research is presented as a way to increase the knowledge of Brazilian portuguese spoken in Maranhão and to offer subsidies for the construction of the DDB, fact that will contribute to a broader knowledge of the lexicon of Brazilian portuguese and specifically the variety spoken in Maranhão.

Keywords: Vocabulary. Vocabulário Dialetal Maranhense. Portuguese spoken in Maranhão. Dicionário Dialetal Brasileiro.

LISTA DE ABREVIACOES

ALiB	Atlas Lingstico do Brasil
A	Adjetivo
BC	Bacabal
DDB	Dicionário Dialectal Brasileiro
S.F	Substantivo feminino
S.M	Substantivo masculino
V	Verbo
VDM	Vocabulário Dialectal Maranhense
VDB	Vocabulário Dialectal Baiano
VDCO	Vocabulário Dialectal do Centro Oeste
QSL	Questionário Semântico Lexical
SL	São Luís
TT	Tuntum
BC	Bacabal

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil.....	32
Figura 2 - Chave para consulta do verbete no DDB.....	40
Figura 3 - Primeiro banco de dados com as lexias catalogadas	47
Figura 4 - Tela do Excel com as codificações.....	49
Figura 5 - Tela inicial do FLEEx.....	50
Figura 6 - Imagem da planilha de dados com fórmulas.....	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Microestrutura preliminar do DDB para verbetes.....	37
Quadro 2 - Microestrutura do verbete de acordo com o DDB	38
Quadro 3 - Localidades e suas codificação para o ALiB.....	42
Quadro 4 - Perfil dos informantes e seus códigos para o ALiB.....	44
Quadro 5 - Perfil dos informantes maranhenses selecionados para este estudo.....	45
Quadro 6 - Microestrutura do verbete no VDM.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	20
2.1 Léxico, Sociedade e Cultura: um tripé que se reflete na língua.....	20
2.2 Vocabulário ou dicionário? Um pouco de Lexicografia.....	22
2.3 Considerações acerca de algumas disciplinas linguísticas relevantes para a feitura do VDM	26
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	30
3.1 Considerações sobre o ALiB	30
3.1.1 Ficha do Informante.....	33
3.1.2 Ficha da Localidade.....	33
3.1.3 Questionários do Projeto ALiB.....	33
3.1.4 Audição e transcrição do áudio.....	34
3.2 Considerações acerca do Dicionário Dialetal Brasileiro.....	35
3.3 Etapas de elaboração do VDM	41
3.3.1 Delimitação do <i>corpus</i>	42
3.3.1.1 Localidades.....	42
3.3.1.2 Informantes	45
3.4 Do tratamento dos dados para elaboração do VDM.....	46
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE.....	64
ANEXOS	114

1 INTRODUÇÃO

A língua, ao ser observada como parte que integra o universo sociocultural de uma comunidade de fala, exige ser entendida como uma entidade organizada em torno de dois grandes componentes – a gramática e o léxico, que se inter-relacionam e se completam, refletindo o modo de ser no mundo. Nessa perspectiva, este trabalho se volta para o léxico porque, como sistema aberto, constitui o ponto de encontro entre a língua e a cultura.

Para que se possa, de fato, conhecer uma determinada comunidade, é necessário conhecer a língua por ela usada. E, no que diz respeito ao Brasil, cuja história é marcada pela diversidade étnica, cultural, social, seria estranho pensar a língua sem considerar a heterogeneidade que marca sua história, já que “da história de uma língua se faz a história de seus falantes”. (CALVET, 2002, p. 11).

Nesse sentido, a língua sofre um processo de transformação constante em decorrência das mudanças pelas quais o mundo vem passando. E o léxico, devido sua dinamicidade, é (...) diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas e científicas. (VILELA, 1994 *apud* VALENTE, 2010, p. 14).

Considerando a distribuição sócio-espacial da língua, é perceptível a diversidade manifestada nos diferentes níveis de análise linguística. Em se tratando do Maranhão, estado foco deste estudo, há fatos bastante peculiares, como o processo de povoamento desse Estado ter sido marcado por uma presença bem representativa de negros, reconhecido como “a unidade da Federação que apresenta o segundo maior número de comunidades dessa natureza, só perde para a Bahia (...)” (Ramos et al., 2010, p. 56) e indígenas, sendo um estado com uma vasta tipologia toponímica, nomes próprios, nomes de frutas e de plantas. É possível observar, também, que as questões relacionadas com a configuração dialetológica do Estado constituem um tópico crucial que leva pesquisadores a trabalharem nos diversos níveis de análise linguística, por exemplo, observando questões de ordem fonética que aparecem inseridas em obras de cunho literário e histórico-geográfico ou analisando diferenças e coincidências fonético-fonológicas, morfossintáticas e prosódicas do falar maranhense.

De fato, não é de hoje que se observa o empenho de muitos estudiosos em descrever a realidade linguística do Estado. Houve contribuições valiosas acerca dessa realidade, como a de Maranhão ([1891] 1946)¹ que, na obra *Poranduba maranhense*, registrou características da antiga Província do Maranhão relacionadas com a língua:

Prezentemente a língua corrente no paiz é a portuguesa, os instruidos a falam muito bem; porém entre os rústicos ainda corre um certo dialecto, que emquanto a mim é o resultado da mistura de línguas das diversas nações, que tem habitado o Maranhão. (MARANHÃO, 1946, p. 148).

Além de Maranhão ([1891] 1946), algumas poucas expressões e vocábulos maranhenses encontrados na literatura oral dos cantadores do sertão nordestino foram catalogados na reedição do livro *Sertão alegre*, de 1928, que tem um apêndice intitulado Linguagem Popular. Nessa obra há comentário acerca dos vocábulos de modo a apresentar suas variantes em outros estados brasileiros.

Encontramos em *Terra das palmeiras* uma contribuição sobre o falar maranhense datada de 1931. Na obra, o autor registra *praga, toá, pira, tresidella, gogolô, mingongo* como sendo ‘termos’ que ele nunca havia ouvido antes (cf. RAMOS, et al., 2010).

No concerne à premência em iniciar os registros que Vieira Filho (1953 [2015]) entendia como peculiares do falar maranhense, o autor, na primeira edição da obra *A linguagem popular do Maranhão*, na qual ele arrola despretensiosamente 601 entradas na *Revista de Geografia e História* afirma que

“o que nos levou a encetá-lo foi a necessidade de fixar, para o futuro, certos detalhes da curiosa língua falada quotidianamente entre nós e que é inconscientemente moldada pelo povo.” (VIEIRA FILHO, 1953, *apud* RAMOS 2015, *et al*, p. 238).

Como se observa por meio das palavras de Vieira Filho (1953), esse tipo de registro do léxico nas décadas de 40 e 50 não eram feitos de modo sistematizado, o que se vê é o resultado do empenho de pesquisadores que, assim como ele, tinham sensibilidade em perceber algumas questões relacionadas com a língua.

¹ A obra foi escrita na primeira metade do século XIX, mas só foi publicada pela primeira vez em 1991.

No entanto, já é possível encontrar obras de natureza mais técnica sobre o falar maranhense nesse nível de análise da língua, como Serra, (2010), Silveira, (2017) e Pereira, (2017), dentre outros. Catalogar os dados de fala do Maranhão de maneira científica, sob viés lexicográfico e a partir dos pressupostos teórico-metodológicos mais consistentes é de grande relevância no cenário linguístico brasileiro atual, haja vista que há décadas, como apresentado nos parágrafos anteriores, as particularidades do falar maranhense são alvo de pesquisadores das mais diversas áreas.

Muitas peculiaridades concernentes ao léxico do Maranhão ainda precisam ser conhecidas, e um *vocabulário* contribuirá mais diretamente para ampliar o conhecimento da língua portuguesa falada no Estado.

Em suma, a proposta de elaboração do Vocabulário Dialetal Maranhense (VDM) tem como objetivo geral elaborar um vocabulário que registra o léxico de duas mesorregiões do Estado, a Norte Maranhense, representada por São Luís, e a Centro Maranhense, representada por Bacabal e Tuntum², sendo esses municípios selecionados pelo Comitê Nacional do ALiB, como representantes dessas mesorregiões, para compor a rede de pontos linguísticos do atlas nacional. Um dos primeiros critérios de seleção desses municípios para este estudo diz respeito à importância histórica e social, além da localização.

O vocabulário é elaborado com base nos itens lexicais obtidos por meio da aplicação do Questionário Semântico Lexical – QSL, que integra o conjunto de questionários do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.

Como objetivos específicos, temos:

(i) examinar os dados de São Luís, Bacabal e de Tuntum, bem como as possíveis particularidades dessas localidades; (ii) fornecer subsídios à feitura do Dicionário Dialetal Brasileiro (DDB) (iii) registrar as variantes léxico-semânticas obtidas por meio da aplicação do QSL.

O DDB, projeto de âmbito nacional de cunho interinstitucional, ao qual o VDM está vinculado, tem sede na Universidade Federal da Bahia e é coordenado pelo

² Inicialmente, o município selecionado pelo Comitê do ALiB foi Barra do Corda, no entanto, devido à dificuldade enfrentada pela equipe de campo em adentrar nessa localidade, foi estabelecido que Tuntum, região desmembrada de Barra do Corda passaria a ser um dos pontos do ALiB.

Prof. Dr. Américo Venâncio Machado Filho. O referido Projeto será amplamente comentado no Capítulo III, concernente aos procedimentos metodológicos.

Tanto o VDM quanto o DDB têm como foco o registro sistematizado do léxico, evidenciando a identificação de variantes lexicais muitas vezes não dicionarizadas. Sabemos, contudo, que há diversas maneiras de abordagem do léxico devido ao caráter multifacetado das palavras – composição morfológica, articulação no discurso, entres outros –, o que justifica a quantidade de campos gramaticais, históricos, linguísticos que, juntamente com o léxico, se inter-relacionam. Segundo Machado Filho (2010, p. 12):

O que se pode hoje observar em relação ao registro da variação nos dicionários contemporâneos, publicados no Brasil, se refere meramente a marcas de uso, que normalmente refletem uma certa carga de preconceito em face do padrão ortográfico que neutraliza quaisquer outras atualizações linguísticas que se possam insinuar na nomenclatura.

Nessa perspectiva, um dos problemas durante a feitura de um dicionário geral da língua é considerar, geralmente, apenas textos escritos. Se esses textos não registrarem a variação linguística, é possível que somente uma “parte” da língua seja refletida.

No que diz respeito ao Maranhão, as unidades lexicais mais particulares do são encontradas e arroladas no VDM não somente pelo fato de a história do Estado ter sido marcada pela presença de vários povos que ocuparam esse território durante o processo de povoamento, e que, com certeza, deixaram suas marcas no falar maranhense, mas também por ser, o Maranhão, um antigo foco de pesquisa de muitos estudiosos ao longo dos anos, no que concerne à sua conformação dialetológica.

Deste modo, este trabalho se apresenta como forma de ampliar o conhecimento da língua falada no Estado e oferecer subsídios para a construção do DDB, contribuindo, ainda, para um mais amplo conhecimento do léxico do português do Brasil e, mais particularmente, da variedade maranhense.

Neste capítulo introdutório, tentamos sinalizar brevemente os caminhos que trilharam alguns estudiosos acerca da realidade linguística maranhense. Situamos o *locus* da pesquisa e apresentamos as ideias principais que norteiam e justificam este estudo.

No Capítulo II, apresentamos alguns dos pressupostos teóricos que ancoram os estudos de cunho lexicográfico (BIDERMAN 1984, 1998), (BORBA, 2003), (MURAKAWA, 2011), bem como algumas disciplinas da linguística que fazem interface com a Lexicografia, tal como a Dialetologia (CARDOSO 1994, THUN, 2005), Geolinguística (CARDOSO, 2010).

No Capítulo III, se encontram os procedimentos metodológicos que norteiam esta pesquisa, incluindo a metodologia do ALiB e a do DDB, projetos aos quais este estudo está diretamente vinculado.

O Capítulo IV se encontram as considerações finais acerca do trabalho.

O produto final, o *Vocabulário Dialetal Maranhense*, compõe o apêndice deste trabalho e contribuirá para a descrição da realidade linguística do português brasileiro no âmbito dialetal da variação léxico-semântica presente no Maranhão.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Léxico, sociedade e cultura: um tripé que se reflete na língua

No âmbito dos estudos que versam sobre a língua, tomar como foco o léxico é assegurar que a heterogeneidade investigativa é fatural, haja vista as diversas possibilidades de conceitos que esse componente basilar do sistema linguístico pode ter de acordo com a teoria adotada numa pesquisa.

Nesse sentido, é possível observar uma intrínseca relação entre léxico, língua, sociedade e, reconhecer, que essa intersecção tem reflexo direto no meio social, já que o léxico ocupa um lugar central na língua –, entidade que pode indicar mudanças sociais e culturais. Um fator que contribui para que isso aconteça é a possibilidade de, por meio da língua, um conjunto de indivíduos possam se identificar como um grupo em que as ideias, conhecimentos, comportamentos, sejam comuns entre eles. Nessa perspectiva, Oliveira, Isquierdo (2011, p.9), afirmam que o léxico é o

nível da língua que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Diante dessa assertiva e considerando que são muitas as mudanças sociais refletidas de modo imediato e direto no léxico, é possível afirmar que esse é de fato o nível linguístico que expressa maior dinamicidade. Afinal, a linguagem humana tem a mudança como uma de suas principais características.

Se por um lado as línguas evoluem de acordo com a evolução humana, o léxico, por sua vez, é porta aberta para inovações e expansão de novas palavras, acompanhando, desse modo, a evolução das línguas naturais.

Além disso, no sistema linguístico, é possível encontrar um repertório lexical capaz de nomear todos os elementos contidos numa sociedade. E, um falante, diante de sua percepção de realidade pode não somente nomear, como também categorizar as entidades que fazem parte do seu meio físico ou abstrato. Acerca dessa assertiva, Biderman (2006, p.35), destaca que

o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nome aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito

humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças, e inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Nesse sentido, de modo a elucidar a afirmação de Biderman (2001), vale ressaltar um aspecto metodológico e, não obstante também teórico, de nosso estudo; o fato de nosso *corpus* ter sido resultado das respostas obtidas por meio da aplicação do Questionário Semântico-lexical – QSL do ALiB. Esse questionário é composto por questões onomasiológicas que estão distribuídas por diversas áreas temáticas – algumas delas são acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna. A maneira como essas questões foram distribuídas durante a elaboração desse questionário exemplifica a tendência do léxico em categorizar unidades lexicais, neste caso, por campos semânticos.

O léxico possui, ainda, o poder de transmitir o patrimônio cultural de um povo. Acerca disso, Hintze (2010, p.49), afirma:

[...] o léxico pode ser considerado como um conjunto de conhecimentos armazenados na memória social de longo prazo. Associa-se a esse entendimento uma concepção de memória social, construída a partir do funcionamento da língua como instrumento de comunicação entre os membros de variadas formações sociais, culturais e ideológicas que utilizam esse mesmo sistema de forma heterogênea.

No entanto, é pertinente enfatizar que a língua não é somente um clássico meio de comunicação, visto que evidencia a visão de mundo de seu falante, corroborando a assertiva de Labov (2008, p. 215) que “a língua é uma forma de comportamento social”.

De fato, a relação língua, léxico, sociedade é de suma importância para a dinamicidade lexical. Dado os fatores que comprovam a variação lexical, “é importante ressaltar que, no uso comum da língua, o signo verbal possui um caráter polissêmico, uma vez que uma lexia, dependendo do contexto, pode adquirir diferentes significados” (DIAS, 2006, p.109).

Esse caráter polissêmico das palavras permite, além dos diversos usos em diferentes situações, a criação de novas palavras. O falante, portanto, é responsável por criações/ inovações de palavras, empréstimos linguísticos, dentro de um determinado contexto, acarretando, desse modo, a expansão do léxico.

2.2 Vocabulário ou dicionário? Um pouco de Lexicografia

Quando o assunto é produção lexicográfica, não são raros os questionamentos acerca da classificação de obras elaboradas sob esse viés. Afinal, a ideia central sobre a feitura de uma obra no âmbito da lexicografia é que elas sejam visualizadas como um objeto de consulta que apresentem informações no que diz respeito às unidades lexicais nelas contidas.

De modo geral, essas obras precisam estar à disposição dos consulentes quer seja por meio físico, eletrônico ou outro suporte que contenha as informações presentes nessa compilação. No entanto, há muitos trabalhos nesse âmbito e, diferenciá-los, nem sempre é tarefa corriqueira e fácil por parte de todos os consulentes devido às especificidades de cada obra lexicográfica.

Não obstante, existem alguns critérios que podem determinar a tipologia dos textos lexicográficos. A saber, a origem, os fatores geosociolinguísticos, histórico-culturais e, até mesmo, critérios pragmáticos, pois fica mais evidente a classificação da obra partindo da funcionalidade que ela tem frente aos consulentes. Portanto, de modo geral, conforme comenta Barbosa (2001), os vocabulários tratam de catalogar unidades léxicas que representam uma norma da língua, enquanto os dicionários de língua lidam com as unidades lexicais da língua geral. Segundo Barbosa, (2001, p.18.):

o dicionário de língua tende a reunir o universo dos lexemas, apresentando, para cada um deles, os vocábulos que representam suas diferentes acepções. Os vocabulários técnico-científicos e especializados buscam situar-se ao nível de uma norma linguística e sociocultural, têm como unidade-padrão o vocábulo (Muller:1996), constituindo-se como conjuntos vocabulares, representativos de universos de discurso. O vocabulário fundamental, por sua vez, procura reunir os elementos constitutivos da intersecção dos conjuntos vocabulários de uma comunidade ou de um segmento social, elementos esses que são selecionados pelo duplo critério de alta

frequência e distribuição regular entre os sujeitos falantes-ouvintes envolvidos (...)

Nesse sentido, um dos motivos que não definem o VDM como um dicionário de língua é por ele tratar de uma compilação de dados oriundos de uma amostra de língua oral de uma comunidade de falantes especificamente do Maranhão. Apesar dessa assertiva, no tocante à lexicografia, não há, ainda, “uma consolidação de um consenso conceptual e denominativo, em torno de obras lexicográficas.” (BARBOSA 2001, p. 43).

Vale ressaltar que os critérios para elaboração do nosso *vocabulário* constam no Capítulo III, referente a procedimentos metodológicos. Mas, para compreender algumas características internas da estrutura lexicográfica do VDM, segue, abaixo, um exemplo de um dos verbetes:

“**Céu tá abrindo** v. Diz-se do momento em que a chuva cessa e o sol começa aparecer. QSL 016/ALiB: Como dizem do tempo, aqui, quando termina a chuva e o sol começa a aparecer? [A gente normalmente fala o «céu tá abrindo», né, quando termina a chuva e inicia, o sol começa a brilhar...] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. limpou; clareou; estiou; tempo tá abrindo; tá clareando; casamento da raposa.”.

Para explicar de que modo esse verbete se formou, partimos do entendimento acerca do texto lexicográfico. Esse tipo de texto é constituído por uma estrutura global chamada megaestrutura, da qual advêm outras tais como a microestrutura, macroestrutura, e medioestrutura. Ou seja, um texto lexicográfico não é algo aleatório, mas se apresenta por meio de um conjunto de informações que estão interligadas e dão coerência ao texto de modo geral (cf. PONTES, 2009).

As *entradas*, que são as variantes propriamente ditas e podem aparecer dispostas de várias formas no VDM. Por exemplo, em o *céu tá abrindo* é possível observar uma unidade lexical que se forma a partir de um substantivo e uma locução verbal. Diferente das entradas em que se pode observar apenas um adjetivo, como em *pinguço* ou mesmo apenas um substantivo, como em *praga*. Esse item do texto lexicográfico, está presente na macroestrutura do VDM.

No entanto, nem todas as entradas configuram o *lema*, pois este é a unidade lexical selecionada segundo critérios de lematização, tais como flexão nominal e infinitiva. O *lema* é, por sua vez, a “unidade léxica ideal que representa um paradigma

de formas flexionadas. Essa unidade constitui a típica entrada de dicionário e representa todas as demais formas do paradigma.” (BIDERMAN, 1984, p. 139)

Sobre a entrada *caloteira*, note que ela possui todos os itens estruturais que o verbete no VDM se propôs a ter (cf. 3.4):

Caloteira adj. Qualidade de quem não paga o que deve. QSL0139/ALiB: Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas? SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. trapasseiro; trambiqueiro; mau pagador; enrolão; veaco.

No entanto, as variantes correspondentes a essa entrada serão dispostas na *nomenclatura* (que é basicamente o mesmo que *macroestrutura*, o corpo do dicionário) do VDM da seguinte forma:

Enrolão adj. SL. cf. caloteiro.

Mau pagador adj. SL; TT. cf. caloteiro.

Trambiqueiro adj. SL. cf. caloteiro.

Trapasseiro adj. SL. cf. caloteiro.

Veaco adj. BC; TT. cf. caloteiro.

Ou seja, essas entradas tal como aparecem no VDM só apresentam em sua estrutura a *classe gramatical*, (item que se dedica ao registro da classe gramatical a que pertence o *lema*), *variantes morfofonêmicas*³, a *legenda dialetal*, *abonação* e a indicação de que esta é uma das *remissivas* de *caloteira*, neste caso.

A saber, a *remissiva* tem por função maior evitar repetições entre duas entradas e possibilita ao consulente uma ampliação do conhecimento com relação

³ O item *variante morfofonêmica* e *abonação* só são apresentados nas entradas se essa informação estiver contida na fala do informante que realizou a variante.

ao *lema*. O sistema de remissivas pode ser entendido com um sistema de referência entre as diversas partes do dicionário.

Com relação às variantes fonéticas, no VDM, elas se apresentam de modo a representar morfofonemicamente a realização de algumas das entradas. Por exemplo, o verbete *cangalha*:

Cagalha (cangaia) s.f Peça que se coloca no lombo de alguns animais para ajudar a sustentar cargas. QSL055/ALiB: Como se chama a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

O fator que irá determinar a existência desse item no verbete é o fato de ter havido alguma realização diferente por parte do informante investigado. No caso do exemplo *cangalha*, um dos informantes fez a realização *cagaia*, por isso a pertinência de sua inserção no verbete.

Quanto à abonação, podemos afirmar que é o trecho do inquérito em que a unidade lexical pode está inserida. Por Assim como as *variantes fonéticas*, nem todos os verbetes do VDM irão poder contar com este item.

Com efeito, a *legenda dialetal* nada mais é que a informação geográfica e linguística acerca da variante documentada. Nesse trabalho, ela se apresenta com a siglas das localidades investigadas, seguido do número do ponto da região no ALiB e o código do informante. (cf. 3.3.1)

Com efeito, há muitas considerações acerca da teoria lexicográfica. Mas, para este trabalho, optamos por focar nos itens que compõem o verbete no VDM. E de certo modo, explicar com um rigor mais teórico a etapa da metodologia que versa sobre os itens da macro e microestrutura do *verbetes*.

2.3 Considerações acerca de algumas disciplinas linguísticas relevantes para a feitura do VDM

Há um longo percurso histórico em se tratando dos estudos relacionados à língua. A Filosofia, por exemplo, é uma área de conhecimento em que é possível observar inúmeros registros que demonstram o interesse dos homens pelas línguas desde os primeiros séculos. Os gregos, os hindus, os indianos, por exemplo, foram os precursores das primeiras reflexões sobre a linguagem.

No entanto, a observação da língua considerando as formas e as estruturas do sistema linguístico vem com os gramáticos comparatistas tais como Franz Bopp (1791-1867), Frederico von Schlegel (1772-1829), Jakob Grimm (1785-1863). É a partir de Saussure que os estudos linguísticos tornaram-se mais sistematizados. Após as considerações desse teórico começou a se postular uma concepção mais “social da língua”.

Nesse sentido, é importante fazer alguns apontamentos acerca da Dialetoлогия, Geosociolinguística, Lexicografia, por fornecerem subsídios para o desenvolvimento de pesquisas voltadas aos estudos linguísticos e por poder contribuir de maneira significativa para um mais amplo conhecimento acerca da realidade da língua, não desconsiderando a diversidade eminente manifestada nos mais diferentes níveis de análise.

Em se tratando da Dialetoлогия, o foco do estudo dessa disciplina são os dialetos de uma determinada língua, considerando os espaços geográficos nos quais se encontram esses dialetos. Nesse sentido, uma pesquisa linguística sob viés dialetológico “tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.” (CARDOSO, 2010, p. 15).

De um ponto de vista linguístico, dialeto é o mesmo que diferenciação e, diferenciação, nessa perspectiva, é uma fragmentação sócio-histórico-cultural e geográfica. Dubois (1995, p 185) afirma sobre Dialetoлогия que o termo

usado às vezes como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família.

No que concerne às pesquisas realizadas sob viés dialetológico, há uma atenção maior à língua falada se comparada à língua escrita. A propósito, esse é um dos pontos em que fica evidente a intersecção entre as disciplinas da Linguística, pois é fato consabido que muitas delas têm como foco a descrição da língua em uso.

Nessa perspectiva, é imprescindível reconhecer a relação entre língua e sociedade. Labov, por seu turno, quis demonstrar com maior exatidão a relação entre

estrutura social e a estrutura linguística. Esse pesquisador, mostra que para que se tivesse um olhar mais subjetivo sobre a linguística seria necessário observar a *fala*. (cf. LABOV, 2008).

Assim, quando a língua é observada de maneira mais dinâmica e inovadora, é possível perceber o aparecimento de formas linguísticas que (co)existem e podem ser utilizadas em um mesmo contexto para se referir à mesma coisa. Essas formas são chamadas *variantes linguísticas* que, segundo Tarallo (1986, p.8), “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”.

No tocante à relação da Sociolinguística com a Dialetoлогия é pertinente comentar que assim como outras disciplinas da área da linguística, ambas se preocupam em observar a língua dentro da sociedade. E, apesar de terem focos de pesquisa diferentes, essas duas teorias se complementam em se tratando de orientações metodológicas. Acerca deste assunto, Cardoso (2010, p.25) afirma que

estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a dialetoлогия não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal. Tal fato levaria a pensar-se numa confluência de objetivos entre a dialetoлогия e a sociolinguística, ambas perseguindo a variação, ambas mantendo sob controle variáveis diversas.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a Sociolinguística considera que a sociedade é heterogênea e a Dialetoлогия, por meio dos mapas geolinguísticos, vem demonstrar a variabilidade do sistema linguístico considerando os dialetos. O fato é que tanto uma disciplina quanto a outra contribuem de maneira efetiva para ampliar nossos conhecimentos sobre a variação linguística através do tempo, do espaço e das pessoas.

Pensando o interesse por questões do âmbito linguístico por parte não somente dos estudiosos da área da linguagem, mas da população em geral, de que maneira, então, difundir mais amplamente a realidade linguística considerando o aporte teórico dessas disciplinas?

Apesar das teorias linguísticas nem sempre serem convertidas em tecnologias adequadas proficientes que possam, por exemplo, subsidiar o ensino de língua portuguesa, é possível afirmar que o suporte oferecido pelas disciplinas da área da linguística possibilita produções de grande relevância no cenário dos estudos que versam sobre a língua.

Sob essa perspectiva, um dos objetivos desse estudo é tornar conhecida variedades sociodialetais registradas pelo ALiB, de modo que todos – estudiosos da área da linguagem ou não – tenham acesso às variedades lexicais por meio de um grande banco de dados, é importante comentar acerca do “cruzamento” de dados nas perspectivas geo-dialetológica e lexicográfica. Ramos, Bezerra (2014, p. 1454) afirma que

o grande ganho dessa síntese consiste na possibilidade que têm estes, por um lado, de oferecer um número maior de itens lexicais e, por outro, de ampliar e enriquecer as informações sobre esses itens. Convém lembrar que, no âmbito dessas informações, como evidenciado, a de natureza etimológica, mesmo em um dicionário sincrônico, é muito cara aos lexicógrafos, principalmente nos casos de homonímia, e aos dialetólogos e geolinguistas, por contribuir para uma melhor compreensão da formação das palavras e do percurso destas na língua. Em síntese, nessa perspectiva, um dicionário dialetal, isto é, que incorpore informações geolinguísticas, possibilitará conhecer melhor a realidade sociolinguística brasileira – nossas maneiras de dizer/construir, de pronunciar.

Ramos, Bezerra (2014, p.1453) comenta ainda que, em se tratando da composição de um dicionário, apesar dos dados referentes à variação geográfica do léxico já serem utilizados, o aproveitamento desses dados ainda é muito pouco. O que acarreta, muitas vezes, o desconhecimento do “patrimônio imaterial” que constitui a língua portuguesa.

Pensando em questões como essa, o DDB se apresenta como forma de minimizar o desconhecimento de dados geosociolinguísticos que por ora não se encontram registrados nos dicionários de língua geral. Por conseguinte, o VDM, também se apresenta nessa mesma perspectiva.

Nesse contexto, segue breve explicação por meio de um exemplo do *corpus* de como se deu essa intersecção de dados geo-dialetológicos e lexicográficos frente a proposta de feitura do VDM.

Por exemplo, é possível encontrar dados na microestrutura do verbete relacionados ao contexto em que a unidade lexical investigada é inserida. Em se tratando da unidade lexical “estrela tá caindo”, o informante diz:

“Não, geralmente o pessoal tem a... não sei se é mito, se é verdade. Ah, a estrela caiu, vou amarrar minha blusa. É, pra dar sorte.” [Tuntum/Mulher, faixa 2, ensino fundamental].

Nesse exemplo temos a transcrição da fala do informante e não a um exemplo criado pelo lexicógrafo, informações tais como a localidade, sexo, e idade do informante. Portanto, catalogar dados em uma perspectiva como essa corrobora a relevância da interdisciplinaridade linguística e revalida o esforço dos lexicógrafos para feitura de novos dicionários, vocabulários, glossários.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que concerne aos métodos para feitura do VDM, conhecer as etapas de estruturação desta pesquisa é imprescindível, já que houve um amplo percurso metodológico até o resultado final deste trabalho.

É importante ressaltar que, ainda que este estudo esteja diretamente vinculado ao Dicionário Dialectal Brasileiro e, por conseguinte, ao ALiB, consideramos algumas peculiaridades referentes aos dados e elaboração do VDM.

Entretanto, seguiremos as bases metodológicas proposta pelo DDB⁴, mas acreditamos que essas particularidades referentes à feitura do VDM só venham contribuir ainda mais para o melhor desenvolvimento do recente projeto de âmbito nacional, que é o DDB.

Nesse sentido, neste capítulo é pertinente apresentar, em primeiro lugar, uma síntese da proposta metodológica do ALiB e do DDB, para, a seguir, discorrer sobre as etapas básicas de elaboração do VDM, que são: (i) pesquisa bibliográfica; (ii) delimitação e seleção do *corpus*; (iii) análise dos inqueritos e tratamento dos dados e (iv) elaboração do *vocabulário*.

3. 1 Considerações sobre o ALiB

O ALiB é um projeto de amplitude nacional que tem como foco a realização de um atlas nacional da língua portuguesa no Brasil, considerando as diferenças diatópicas sob a perspectiva da Geolinguística e dando atenção às implicações de natureza social⁵.

O critério de seleção das localidades investigadas no ALiB foi considerar a seleção dos pontos sugeridos por Nascentes (1958), para o Atlas Linguístico do Brasil. Apesar disto, nem todas as localidades que o referido autor sugeriu foram incluídas na rede de pontos do ALiB. A Figura 1 mostra os pontos referentes às localidades investigadas por esse Projeto.

Atualmente, de acordo com informações do site do ALiB, o Projeto conta com a participação de 12 universidades em diferentes regiões brasileiras. Além disso, a rede de pontos desse projeto é constituída de 250 localidades selecionadas conforme critérios demográficos, históricos e culturais, incluindo todas as capitais do País, à exceção apenas de Brasília (Distrito Federal) e Palmas. Em virtude da recente criação e pela presença de muitos imigrantes durante o seu processo de formação dessas cidades. Por isso, essas localidades não foram selecionadas para compor o *locus* do ALiB. Com relação a Palmas, capital de Tocantins, é importante ressaltar outro fator importante para que essa localidade não tenha sido selecionada pelo ALiB, o fato de

⁴ O Projeto DDB teve sua macroestrutura preliminar apresentada em 2013, no WorkALiB – *workshop* que tem por objetivo a divulgação dos trabalhos realizados pelas diversas equipes de pesquisadores que integram o ALiB.

⁵ Dados recolhidos do site do ALiB, a saber, <https://alib.ufba.br>

Tocantins ter sido desmembrado do estado de Mato Grosso – localidade já pertencente da rede de pontos do ALiB.

Figura 1: Rede de pontos do Atlas Linguístico do Brasil



ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL - ALiB

CARTA V



Fonte: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>

Todos os pontos vermelhos correspondem às capitais e os pontos verdes, às demais localidades que o ALiB selecionou para investigação. No caso do Maranhão, foram selecionadas pelo comitê nacional do ALiB a capital do estado, São Luís, que fica na mesorregião Norte Maranhense, Bacabal e Tuntum, regiões centrais do estado, São João dos Patos e Brejo, que ficam ao leste, Imperatriz e Turiiaçu representando o oeste e Balsas e Alto Parnaíba como representação do sul do Maranhão.

3.1.1 Ficha do Informante

Para coleta de dados, há a realização da pesquisa de campo. Para tanto, o Projeto ALiB conta com alguns instrumentos. O primeiro a ser comentado é a ficha do informante. Nesta ficha encontram-se registradas algumas informações socioeconômicas do sujeito da pesquisa: (i) dados pessoais, como nome, alcunha, idade, sexo, naturalidade, escolaridade, endereço, estado civil, profissão, local onde trabalha, tipo de renda; (ii) contatos com meios de comunicação e (iii) participação em atividade de lazer e as crenças religiosas que pratica. Além desses dados, há um espaço na ficha em que o inquiridor pode colocar algumas informações sobre o inquirido, tais como características psicológicas, grau de espontaneidade da elocução, postura do informante durante o inquérito, categoria social do informante, grau de conhecimento entre informante e inquiridor. Esses dados ajudam o pesquisador a melhor analisar o perfil linguístico-cultural e socioeconômico do falante, o que contribui para o exame do uso das variantes lexicais feito pelo inquirido. (cf. ANEXO I).

3.1.2 Ficha da Localidade

Na ficha da localidade, o pesquisador tem acesso ao perfil geral do município. Nessa ficha são encontradas informações sobre a localidade pesquisada, de modo que possamos ter uma visão geral do município e questões de natureza histórica, social e econômica, tais como: nome oficial, gentílico, população, atividades econômicas predominantes, infraestrutura, características demográficas e histórico sucinto do município. (cf. ANEXO II).

3.1.3 Questionários do Projeto ALiB

O Projeto ALiB considera três tipos de questionários no âmbito dos níveis de análise da língua. O primeiro, o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), se destina a investigar questões relacionadas ao âmbito fonético-fonológico da língua, sendo constituído por 159 questões.

O segundo é o Questionário Semântico-Lexical (QSL), composto por 202 questões. Essas questões são distribuídas em 14 campos temáticos, que são: *acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos de vida, convívio e comportamento social,*

religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana.

As questões são orientadas onomasiologicamente, ou seja, partem do conceito para a denominação. Exemplo 1: “... *umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar?*” (Questão 41 do QSL, referente ao campo temático *atividades agropastoris*).

O terceiro é o Questionário Morfossintático (QMS), que investiga fenômenos de natureza morfossintática. Conta com 49 questões, considerando *artigo, substantivo, adjetivo, pronome, verbo e advérbio*.

Há, ainda, 4 questões de pragmática; quatro questões para discursos semidirigidos, incluindo relato (pessoal e não pessoal), comentário e descrição. Além dessas, há onze questões de prosódia, seis perguntas metalinguísticas e um texto para leitura.

3.1.4 Audição e transcrição dos dados da pesquisa

O Projeto ALiB conta com um grande banco de dados referente aos áudios e às transcrições dos inquéritos realizados. É possível o acesso a esses dados por meio de uma solicitação, por escrito, ao Comitê do Projeto ALiB. Em se tratando da elaboração do VDM, tivemos acesso direto aos áudios e às transcrições concernentes às localidades selecionadas para compor o *corpus* deste trabalho tendo que transcrever apenas um inquérito referente ao município de Bacabal, já que os outros já haviam sido transcritos pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão – ALiMA.⁶

As transcrições são realizadas de modo a registrar, dentro de um conjunto de critérios, o mais fidedignamente possível as marcas da fala do inquirido, como as variações fonéticas, o apagamento ou acréscimo de sílabas, a monotongação, a ditongação, questões relacionadas à morfossintaxe, pronomes, verbos e também

⁶ O Volume I do Atlas Linguístico do Brasil foi publicado em 2014, com os dados das 25 capitais, incluindo São Luís.

unidades lexicais que, muitas vezes, são representativas da fala de cada informante que participou da investigação.

A fim de considerar todo o contexto situacional de fala, são registrados nas transcrições as hesitações como *eh*, *ah*, *hum*, os risos. Essas hesitações garantem o registro de situações de fala que permite ao pesquisador compreender a seleção de uma ou outra variante por parte do informante.

3.2 Considerações acerca do Dicionário Dialetal Brasileiro

No intuito de ampliar o conhecimento da diversidade do falar do Brasil, associa-se ao ALiB o Projeto Dicionário Dialetal Brasileiro, que pretende “conjuguar de forma abrangente língua e cultura, no sentido de permitir o conhecimento da relação dialetal que se estabelece, através do léxico, nas comunidades que o utilizam”. (MACHADO FILHO, 2010, p. 1).

O objetivo geral do DDB é a criação de um extenso banco de dados que contenha lexias utilizadas pelos brasileiros de um modo geral e, segundo seu coordenador, Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho, “visa permitir uma visão pandialetal da realidade variacional do léxico no Brasil (...)” Machado Filho, (2010, p. 67). Desse modo, objetiva tornar conhecidas variedades sociodialetais registradas pelo ALiB, de modo que todos estudiosos – da área da linguagem ou não – tenham acesso aos dados.

Cabe, neste capítulo, comentar acerca das ideias preliminares concernentes aos métodos e técnicas para feitura do DDB. Desse modo, uma das discussões que o idealizador do DDB promove logo nos seus primeiros escritos acerca do referido projeto é sobre a inclusão, no dicionário, das variantes lexicais e das variantes fonológicas. Segundo Machado (2010, p. 62-63), por mais que

não pareça haver espaço para a inclusão de variantes que fujam ao *status quo* linguístico, pelas também óbvias razões de economia e insuficiência de dados, um dicionário dialetal, ao contrário, deve abarcar toda a instabilidade gráfica que os usos reais da fala possam em si fomentar, mesmo que esses itens não venham a constituir uma cabeça de verbete na nomenclatura principal, senão lemas secundários na sua microestrutura, além de elementos integrantes do índice de palavras.

Portanto, Machado Filho, (2014, p. 273), propõe, para efeito de elaboração do DDB, e desde uma perspectiva histórico-variacional, o seguinte entendimento do que seja *variante lexical*, “(...) cada forma diferente de se representar, em um mesmo contexto, um mesmo valor significativo ou funcional, independentemente de as alterações na forma terem origem fonética, fonológica, morfológica, sintática ou discursiva.”

Nessa perspectiva, na elaboração do DDB, são consideradas tanto as lexias simples, como as compostas e complexas, desde que sejam utilizadas no mesmo contexto, conforme propõe o coordenador do DDB.

No que concerne ao verbete, o Quadro 1 apresenta a microestrutura preliminar dos verbetes com itens e indicadores.

ITENS	INDICADORES										
	TIPOGRÁFICOS	NÃO TIPOGRÁFICOS									
Lema principal	Redondo, letra minúscula, negrito	Seguido de traço									
[Transcrição fonética]	em <i>Sildoulos/PA</i>	entre colchetes, sílaba tônica marcada com sinal, seguida de traço									
Classificação gramatical	Redondo, minúsculo, conforme lista de abreviaturas	Seguida de ponto									
(Étimo, origem ou processo de formação)	Étimo ou origem e (ou) processos formativos em itálico	Entre parênteses, encerrado(a) por ponto, precedido(a) do sinal <, sigla convencional para língua de origem (para o étimo), processos formativos marcados com sinal +									
Áreas temáticas do QSL:	Redondo, minúsculo, itálico	Encerrado por ponto									
Definição ou acepções	Em minúsculas, em paráfrase lexicográfica	Entre aspas simples, encerrada(s) por ponto									
Descrição sociodialeto do lema principal	Redondo, iniciais das localidades em maiúsculo	Seguinte à cabeça do verbete, entre chaves, com nome da localidade e a caracterização sociolinguística do informante representada por numeral, separados por barra (/) e encerrada por ponto									
Lemas secundários	Em letra minúscula e negrito, em redondo quando a forma for dicionarizada, em <i>itálico</i> quando for variante não dicionarizada	Precedido(s) de til (~), sendo a última variante encerrada por ponto.									
Descrição sociodialeto do lema secundário	Redondo, iniciais das localidades em maiúsculo	Entre chaves, encerradas por ponto, como o nome da localidade e a caracterização sociolinguística do informante representada por numeral.									
Remissões lexicais	Em minúscula, em redondo quando a forma for dicionarizada, em <i>itálico</i> quando for variante não dicionarizada	Precedidas do sinal → e encerradas por ponto.									
Legenda geolingüística	---	<table border="1" style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td></td> <td style="text-align: center;">026</td> <td></td> </tr> <tr> <td style="text-align: center;">027</td> <td style="text-align: center;">028</td> <td style="text-align: center;">029</td> </tr> <tr> <td></td> <td style="text-align: center;">033</td> <td></td> </tr> </table>		026		027	028	029		033	
	026										
027	028	029									
	033										

Fonte: Projeto Dicionário Dialeto Brasileiro

Considerando o desenvolvimento do DDB e que já há alguns produtos finais relacionados com esse projeto, Fafina (2017, p. 141), apresenta a microestrutura do verbete já alterada em alguns aspectos:

- i) A 'definição' sucedia a 'área temática' e passou a precedê-la.
- ii) Considerando admitir o tipo de definição lexicográfica, acrescentou-se o item 'formulação da pergunta', que é apresentado após a 'área temática', com o número da questão do QSL com a qual a lexia foi documentada, seguida da formulação da pergunta como consta no Questionário ALiB.
- iii) Escolha de indicadores tipográficos e não-tipográficos para caracterizar a 'abonação' e 'marcas de uso', itens previstos na microestrutura preliminar de 2010.

- iv) Exclusão do item 'transcrição fonética'. Embora esse item, inversamente à ortoépia, não possua caráter normativo, mas, estritamente, descritivo, optou-se por excluir, a fim de evitar interpretações equivocadas.
- v) Substituição de nome da localidade por número da rede de ponto do ALiB. Assim, a legenda geolinguística contém as seguintes informações: i) número de cada localidade; ii) identificação sociodialetoal, referente ao gênero e faixa etária – 1 = homem, jovem; 2 = mulher, jovem; 3 = homem idoso; 4 = mulher, idosa.

Para que as informações acima sejam esclarecidas, o Quadro 2 apresenta a microestrutura atual do DDB, por ordem de apresentação de cada item no verbete, e, na sequência, a Figura 2, na página 41, traz a chave para consulta do verbete.

Quadro 2 – Microestrutura do verbete de acordo com o DDB

Itens	Indicadores Tipográficos	Indicadores Não-tipográficos
Lema Principal	Letra redonda, minúscula e negritada.	Em casos de homografia (ex: mãe adotiva ¹ e mãe adotiva ²), utiliza-se o número sobrescrito para marcar unidades lexicais homógrafas
Forma canônica do item lexical em foco. Quanto ao glossário, formas de maior frequência na rede de pontos foram as escolhidas para lema principal. Em casos de mesma frequência, a forma mais prototípica na língua foi escolhida.		Quando uma lexia que se pretende lematizar não possui forma canônica, em termos lexicográficos, recorre-se à estratégia de indicação de morfologia falsa, conforme a metodologia do Projeto Dicionário Etimológico do Português Arcaico (DEPARC), a exemplo de verbos no infinitivo. A morfologia falsa é indicada pelo uso de colchetes (ex: abort[ar]).
Transcrição Fonética	---	---
Classificação Gramatical	Letra minúscula, redonda, conforme a lista de abreviaturas.	Encerrada por ponto.
ITENS	INDICADORES	
	TIPOGRÁFICOS	NÃO TIPOGRÁFICOS
Étimo, Origem ou Processo de Formação	Letra redonda, minúscula, língua de origem conforme	Entre parênteses e encerrado por ponto. Formas compostas

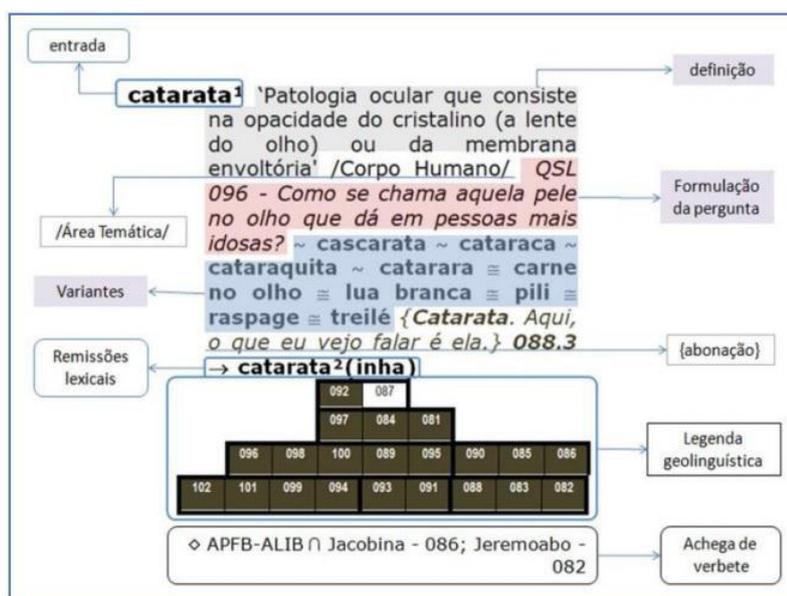
Os étimos foram pesquisados em três dicionários: “Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa”, “Dicionário Houaiss” e o “Dicionário etimológico da língua portuguesa”.	lista de abreviaturas, étimo ou origem em <i>itálico</i> .	ou derivadas identificam-se com o sinal de adição (+).
Definição Codificação da informação semântica do item lexical em definição lexicográfica.	Inicial maiúscula, restante minúscula e arredondada.	Entre aspas simples (") e encerrada por ponto.
Área Temática Seção à qual o item lexical em foco pertence no conjunto de respostas ao Questionário Semântico-Lexical.	Inicial em letra maiúscula, redonda e resto minúsculo.	Encerrada por ponto.
Questão Pergunta conforme o Questionário Semântico-Lexical na pesquisa do ALiB.	Abreviatura do questionário utilizado em letras maiúsculas, número da questão e a pergunta em letra redonda.	Uso de dois pontos (:) para introduzir a pergunta e encerrada por uma interrogação. Em casos de um item fazer referência a outro, este terá seu número entre parênteses dentro da pergunta.
Pontos e Informantes do Lema Principal	Nome da localidade iniciada por letra maiúscula, letra redonda e número de identificação do informante nos mesmos formatos.	Entre chaves, encerrados por ponto, com o nome da localidade e a caracterização sociolinguística dos informantes representada por numeral, separada por barras, conforme rede do ALiB.
Abonações Emprego do item em situação real de fala extraído do <i>corpus</i> .	Iniciada por letra maiúscula, redonda e a unidade lexical em negrito .	Iniciadas por aspas duplas, colchetes fechados com três pontos internos para indicar resposta extraída do <i>corpus</i> e encerradas por ponto.
Remissões Indicações que remetem a outros itens que correspondam ao lema principal.	Letra minúscula, redonda e <i>itálica</i> para variantes lexicais que não correspondam à norma padrão.	Iniciadas e separadas por setas e encerradas por ponto.
ITENS	INDICADORES TIPOGRÁFICOS	NÃO TIPOGRÁFICOS
Legenda Geolinguística	Os números negritados na parte superior representam as localidades. Os números na	A quantidade de quadros indica o número de localidades investigadas. As

<p>Uma representação da distribuição diatópico-diastrática, exibindo as ocorrências dos itens lexicais e seus informantes.</p>	<p>parte inferior representam os informantes.</p>	<p>áreas hachuradas indicam a presença do item lexical em determinada localidade, enquanto os quadros brancos representam ausência ou não computação do item lexical na localidade.</p>
--	---	---

Fonte: Projeto Dicionário Dialetal Brasileiro.

Tanto o Quadro 1 quanto o Quadro 2, respectivamente, apresentados neste capítulo, foram elaborados a fim de orientar o pesquisador acerca das informações contidas nos verbetes. Além desses, o DDB conta com uma figura ilustrativa chamada chave de consulta, que facilita a compreensão da microestrutura adotada para a constituição de verbetes.

Figura 2– Chave para consulta do verbete no Vocabulário Dialetal Baiano elaborada com base no DDB



Fonte: NEIVA, 2017

Além disso, é esperado que o DDB conte, ainda, com um sistema de remissão eficiente e completo, que consiga abarcar todas as correferências possíveis.

Em linhas gerais, por se tratar de uma quantidade significativa de dados a serem catalogados, o Projeto DDB tem um caráter coletivo e interinstitucional e reúne pesquisadores de várias instituições, todos com um objetivo comum: colaborar para um mais amplo conhecimento da realidade linguística brasileira, auxiliando na elaboração do produto final, que é o DDB.

3.3 Etapas de elaboração do VDM

As pesquisas bibliográficas realizadas se situam no âmbito da Dialetologia, Geosociolinguística, Lexicografia, Linguística Histórica, Linguística de *corpus*, com enfoque especial nas pesquisas voltadas ao tema da produção de dicionários.

Nesse sentido, foram consultados dicionários, vocabulários e glossários específicos que deram suporte à elaboração do VDM. É imprescindível mencionar, portanto, dicionários gerais da língua, tais como o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUASS; VILLAR, 2001), o Dicionário Caldas Aulete (CALDAS AULETE, 2014) e o Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (MICHAELIS, 1998), todos consultados durante o desenvolvimento do nosso trabalho. Esses dicionários contemporâneos, subsidiaram nosso estudo com importantes informações no que concerne à investigação dos itens lexicais encontrados no *corpus*.

Foram observados também os primeiros trabalhos (dissertações e teses) vinculados ao DDB, dos quais se destacam: a dissertação de Fafina (2017), intitulada *Tabu linguístico no português falado no Maranhão, na Bahia e em Guiné-Bissau: um estudo da variação diatópica*; a tese de Neiva (2017), cujo título é *Vocabulário Dialetal da Bahia – VDB*; e a tese de Costa (2018), intitulada *Vocabulário Dialetal do Centro Oeste – VDCO*, que também subsidiarão o *Dicionário Dialetal Brasileiro*.

3.3.1 Delimitação do *corpus*

3.3.1.1 Localidades

As localidades selecionadas para compor esta pesquisa foram delimitadas, considerando a rede de pontos linguísticos do Maranhão para o ALiB.

Quadro 3 – Localidades⁷ e suas codificações para o ALiB

Nº dos pontos
Tuntum (030)
Bacabal (028)

⁷ Cabe ressaltar que estabelecemos as abreviações TT, BC e SL para Tuntum, Bacabal e São Luís, respectivamente. Essas siglas serão utilizadas para compor nossa legenda dialetal, item presente na microestrutura deste *vocabulário*.

São Luís (026)

Fonte: Elaborado pela autora, com base no modelo do ALiB

Todas as localidades que compõem a rede de pontos do ALiB já foram apresentadas no item 3.1, Figura 1. No Quadro 3, portanto, encontram-se apenas as três que compõem o *locus* deste estudo.

Afinal, para que alguns itens que compõem o *verbetes* no VDM sejam completamente compreendidos, tais como a legenda dialetal, que será comentada no tópico *Análise dos inquéritos e tratamento dos dados para elaboração do Vocabulário*, subitem 4.5 desta dissertação, é necessário conhecer bem essa codificação referente aos municípios.

A legenda dialetal identifica em qual localidade uma determinada variante foi selecionada. Deste modo, conhecendo a numeração que antecede os nomes dos municípios que fazem parte da rede de pontos do ALiB fica possível identificar cada localidade pesquisada.

No VDM estão representadas duas das cinco mesorregiões em que se divide o Estado⁸: a Norte Maranhense, com o município de São Luís (026), e a Centro Maranhense, com os municípios de Bacabal (028) e Tuntum (030). Este recorte da rede de pontos ALiB/Maranhão representa um grande desafio, pois implica não apenas catalogar um extenso número de itens lexicais, mas também compilar uma quantidade significativa de informações que compõem os *verbetes*. O *corpus* é, pois,

⁸ Convém destacar que não desconhecemos o novo quadro regional proposto para o Brasil em 2017, quadro esse elaborado com base nos processos sociais, políticos e econômicos ocorridos no território nacional após a década de 1990, quando foi publicada a última versão da Divisão Regional do Brasil, que considerava unidades mesorregionais e microrregionais, que são, agora, respectivamente, denominadas de Regiões Geográficas Intermediárias e Regiões Geográficas Imediatas. Entretanto, decidimos manter a denominação de 1990, tendo em vista que à época da pesquisa de campo era esta divisão que estava em vigor e os municípios assim situados. Para um conhecimento mais amplo desta nova divisão, ver o material produzido pelo IBGE (2017).

constituído com dados da fala de 16 informantes, sendo oito de São Luís e quatro em cada uma das duas outras localidades.

Como visto na Introdução, o recorte das localidades para este estudo não se deu de forma aleatória: partiu de critérios geográficos, econômicos, históricos e culturais. Portanto, é pertinente elencar abaixo algumas informações sobre o *locus* da pesquisa:

São Luís foi selecionada por ser a capital do Estado, e por isso, possuir mais agências normatizadoras da língua atuando, presença de centros universitários há mais tempo em relação aos interiores, e pela sua incontestável importância política do estado do Maranhão. Esse município faz parte da mesorregião Norte Maranhense e da microrregião Aglomeração Urbana de São Luís. Segundo o censo do IBGE, em 2010, a estimativa da população, para 2016, seria de 1.014. 839,777 habitantes. Sua área territorial é 834,785 km², com uma densidade demográfica de 1.215,69 hab/km². O gentílico de quem nasce no município é ludovicense. Um dos critérios mais relevantes para que se considerasse esse município para compor o *locus* da pesquisa é o fato de ser capital do Estado e, portanto, haver questões relacionadas à economia, realidade social e outros aspectos que são muito particulares de regiões urbanas.

Bacabal é um município localizado na mesorregião Centro Maranhense e na microrregião Médio Mearim. Em 2016, o número da população foi estimado, segundo IBGE, em 100.018,50 habitantes, com uma área territorial de 1.682,963 km². A densidade demográfica é de 59,43 hab/km². O gentílico de quem nasce no município é bacabalense. O município de Bacabal tem destaque no seu histórico econômico em se tratando do Maranhão, tendo sido o 3º maior município do centro industrial do Maranhão e já possuiu mais de 25 usinas de beneficiamento de arroz. Houve também presença dos Kreniês, povos indígenas de etnia quem vem dos Timbiras.

Tuntum, município localizado na mesorregião Centro Maranhense, faz parte da microrregião Alto Mearim e Grajaú. Dados do IBGE apontam para uma área territorial 3.369,120 km², com 39.183 habitantes e densidade demográfica de 11,56 hab./km² (IBGE, 2018).

O gentílico de quem nasce no município é tuntuense. O destaque histórico-econômico desse município está diretamente relacionado com muitas famílias terem

sido atraídas pelo solo fértil para o plantio de arroz. (IBGE, 1959, p. 370). Tuntum foi desmembrado de um município do Maranhão chamado Presidente Dutra que, por sua vez, foi desmembrado de Barra do Corda, município que Antenor Nascentes sugeriu para compor a rede de pontos do atlas nacional (NASCENTES, 1958).

No entanto, devido os conflitos indígenas que ocorriam na região de Barra do Corda na época em que foram realizadas as pesquisas de campo e das muitas tentativas da equipe de pesquisadores do ALiB de chegar até aquela região, Tuntum foi selecionado para compor o *locus* desta pesquisa.

Essas informações estão organizadas com base na ficha da localidade que é mencionada e comentada no subitem 3.1.2 desta dissertação, especificamente, na parte que contempla informações sobre a recolha dos dados.

3.3.1.2 Informantes

O *corpus* utilizado neste estudo faz parte do banco de dados do Projeto ALiB. O Projeto, no intuito de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa e por razões éticas, cria códigos para referenciar seus informantes, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 4: Perfil do informante e seus códigos

Código do Informante	Sexo	Faixa etária	Escolaridade
01	Masculino	Jovem (18 a 30)	Fundamental
02	Feminino		
03	Masculino	Idoso (50 a 65)	
04	Feminino		
05	Masculino	Jovem (18 a 30)	Superior
06	Feminino	Idoso (50 a 65)	
07	Masculino		
08	Feminino		

Fonte: Elaborado pela autora, com base no modelo adotado pelo ALiB

Como mostra o Quadro 4, aos homens são atribuídos números ímpares, e às mulheres, números pares; a faixa etária I é representada pelos números 1 e 2, para os informantes com Ensino Fundamental, e 5 e 6, para aqueles com Ensino Superior; a faixa etária II, por sua vez, é representada pelos números 3 e 4, para os informantes com Ensino Fundamental, e 7 e 8, para aqueles com Ensino Superior.

No município de São Luís, o nível de escolaridade ensino superior foi considerado por já fazer parte da realidade sociocultural do município há bastante tempo, o que permite considerá-lo como um dos traços característicos do perfil do informante na localidade em questão. Por essa razão, na capital, o ALiB seleciona mais quatro sujeitos, todos com nível superior, contabilizando assim oito informantes. Em se tratando de Tuntum e Bacabal, localidades em que o ensino superior ainda é uma realidade recente, foram investigados quatro informantes por município, tendo em vista que foi considerado apenas um nível de escolaridade, o ensino fundamental incompleto.

Para este estudo, foram selecionados 16 inquéritos do ALiB, sendo seus informantes naturais da cidade selecionada e codificados como apresentado no Quadro 5.

Quadro 5 – Perfil dos informantes maranhenses selecionados para o VDM

Nº do Inf.	Faixa Etária	Sexo	Escolaridade
026.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental
026.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental
026.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental
026.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental
026.5	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Superior
026.6	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Superior
026.7	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Superior
026.8	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Superior
028.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental
028.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental
028.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental
028.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental
030.1	Faixa I (18 a 30 anos)	Masculino	Fundamental
030.2	Faixa I (18 a 30 anos)	Feminino	Fundamental
030.3	Faixa II (50 a 65 anos)	Masculino	Fundamental
030.4	Faixa II (50 a 65 anos)	Feminino	Fundamental

Fonte: Elaborado pela autora, com base no modelo adotado pelo ALiB

3.4 Do tratamento dos dados para elaboração do *VDM*

O primeiro momento, após a delimitação do *corpus* deste estudo, foi analisar os dados de natureza geolinguística, buscando uma maneira hábil de manuseá-los sob o viés da Lexicografia. Dada a gama de programas computacionais que lidam com dados lexicográficos, selecionar um que respondesse ao objetivo central deste trabalho, com eficiência, não foi uma tarefa simples.

Foi necessário que tomássemos algumas decisões e fizéssemos escolhas ao longo do desenvolvimento da pesquisa, a fim de que os objetivos desta dissertação fossem avaliados, ponderando o principal, elaborar um *Vocabulário* com dados de fala extraídos do *corpus* do ALiB, considerando a rede de pontos do Maranhão.

Convém lembrar que esses dados foram analisados sob uma perspectiva quali-quantitativa, ou seja, as análises não estão pautadas apenas no caráter quantitativo dos usos, mas nos contextos em que os atos de fala se manifestaram, observando questões relacionadas com aspectos sociais dos inquiridos, tais como faixa etária, nível de escolaridade, ou levando em consideração as localidades que as unidades lexicais apareceram.

Tentando obedecer às bases metodológicas do DDB, que propõe uma macroestrutura que objetiva possibilitar a qualquer pessoa que consulte o dicionário reconhecer, imediatamente, as variantes sociodialetais registradas pelo ALiB para cada uma das lexias em variação –, foi feito o levantamento dos dados e a delimitação das variantes encontradas nos inquéritos selecionados para investigação.

Nessa perspectiva, foram consideradas todas as 14 áreas temáticas contempladas no QSL, a fim de extrair os itens lexicais referentes a esses campos conceituais. A partir dos itens lexicais obtidos por meio da aplicação do QSL, a microestrutura do *VDM* foi-se constituindo.

Para favorecer o tratamento dos dados e garantir uma organização do *corpus*, o primeiro procedimento foi criar um banco de dados com as lexias obtidas por meio da aplicação do QSL.

Figura 3: Primeiro banco de dados com as unidade lexicas catalogadas

Nº da questão	Lexias encontradas	Nº do inf.	Fala do inquirido	Transcrição fonética	Etimologia
141	Corno, chifrudo	1		[^h koxnu], [^h ʃi ^h frudu].	Lat. <i>cornu</i>
	Corno	2			
	Corno, chifrudo	3			
	Corno	4			
	Corno, chifrudo	5			
	Marido traído	6		[ma ^h ridutra ^h idu].	
	Corno	7			
	Corno manso, corno, chifrudo, chavelhudo, touro, barriga branca.	8	“Corno manso, da palavra corno tem “n” derivações aí, mas normalmente é corno, chifrudo...”	[^h koxnu ^h mēsɔ], [ba ^h xige ^h brēke], [^h towru], [ʃave ^h ʎudu].	
142	SR				Lat. <i>protituere</i>
142	Prostituta, quenga, muié da vida	1	Diz qu'essa mulhé está se vendeno. Faz ponto, eh... Prostituição, vende o corpo.	[proʃtʃi ^h tute], [^h kēge], [mu ^h ʎeda ^h vide].	
	Prostituta, quenga, muié da vida	3			
	Prostituta	4			
	Prostituta, puta, rapariga, meretriz, vagabunda.	5		[^h pute], [mere ^h tris], [xapa ^h rige], [vaga ^h būde].	
	Muié da vida	6			
	Rapariga	7			
	Mulher da vida, rapariga, piranha	8		[pi ^h rēje].	

Fonte: Elaborado pela autora

Inicialmente, catalogamos os dados em um quadro no *word* por, até aquele momento, considerarmos ser o programa adequado. A primeira coluna corresponde ao número da questão no QSL; a segunda coluna, às variantes usadas pelos informantes no momento da aplicação desse questionário; na terceira coluna, encontram-se os números referentes ao informante, conforme codificação do ALiB; na quarta coluna, estão alguns comentários que, eventualmente, o inquirido tenha feito e que possam fornecer informações sobre a lexia encontrada; na quinta coluna, encontram-se as transcrições fonéticas de todas as variantes usadas pelos informantes; na última, a etimologia. As células que estão vazias correspondem àquelas as quais não houve resposta por parte do informante.

No entanto, no decorrer do trabalho, algumas modificações, no que diz respeito à composição do verbete, bem como a outros detalhes referentes à microestrutura do VDM, foram realizadas. Consideramos, portanto, o volume,

compilação, tratamento e particularidades dos dados concernentes ao Maranhão e relacionamos esses fatores com o tempo hábil para o desenvolvimento deste trabalho.

Inicialmente, foi pensado para compilação dos dados, o *Lexique Pro*, programa desenvolvido pelo Summer Institute of Linguistic – SIL International. Um software para trabalhos de cunho lexicográfico que possibilita integrar aos verbetes dados sonoros e imagens.

Entretanto, foi estabelecido que, para a compilação, deveríamos partir de critérios que considerassem que há uma microestrutura específica prevista para integração do VDM no DDB. Neste caso, o *Lexique Pro*, apesar de ser um excelente programa para trabalhos lexicográficos, não dispunha – até o dado momento em que este trabalho se desenvolvia –, de uma ferramenta que possibilitasse a inserção de todos os dados, de uma só vez, ou quase diretamente no programa, somente a inserção de uma unidade lexical por vez na plataforma desse programa.

Portanto, para a elaboração do VDM, optamos por uma ferramenta que também foi utilizada na elaboração do VDCO, por Costa (2018), o *FLEx* – FieldWorks Language Explorer, outro programa também desenvolvido pelo SIL International.

Como ainda não conhecíamos o *software* em questão, contamos, pois, com o auxílio de tutoriais do *youtube* (plataforma de compartilhamento de vídeos da internet), de conversas informais com pesquisadores que já utilizaram o programa, bem como o detalhamento, contido no capítulo que versa sobre o percurso metodológico de Costa (2018).

Após a escolha da ferramenta computacional considerada mais adequada diante da obra lexicográfica que nos propomos elaborar, transferimos os dados, que outrora foram inseridos em tabelas do Word, para uma planilha do Excel – outro software do pacote Office do Microsoft. Isso foi necessário porque o processo de tratamento dos dados no *FLEx* exige uma extensão de arquivo específica.

Uma nova revisão dos dados foi realizada, portanto. Nessa etapa de transferência, algumas novas decisões acerca da microestrutura do verbete foram tomadas e apresentadas no Quadro 6.

Em síntese, a escolha da utilização do *FLEx* em detrimento do *Lexique Pro* para feitura do VDM se deu pela praticidade no que concerne à migração dos dados de um arquivo do Excel para a ferramenta em questão, com a possibilidade de gerar de forma automática os verbetes.

Para que cada verbete fosse composto no *FLEX* e para que cada informação ficasse no seu campo devido, foi necessário fazer uma codificação. Seguimos, pois, a codificação adotada por Costa (2018), para produção do VDCO, em que

\lx é o lexema, que será a entrada do vocabulário; \va representa a forma variante; \ng a nota gramatical; \de a definição; \bb a bibliografia, que em nosso caso refere-se à pergunta do QSL/ALiB que deu origem à entrada; \ee é o exemplo de uso: a fala de um informante que demonstra o uso da unidade lexical ou mesmo se refere a informações enciclopédicas acerca do referente em causa; \so é a fonte dos dados, isto é, as informações de localidade e informante que mencionou a referida lexia e \cf, que indica a remissão **devida** ou **indicada** em relação à entrada: **devida** caso seja indispensável para a compreensão da definição, ou **indicada** para os casos em que pode acrescentar mais conhecimento ao usuário sem necessariamente ser indispensável. (COSTA, 2018, p 117.)

Temos, abaixo, um exemplo de como os dados estão apresentados na planilha do Excel com as devidas codificações:

Figura 4: Tela do Excel com codificações

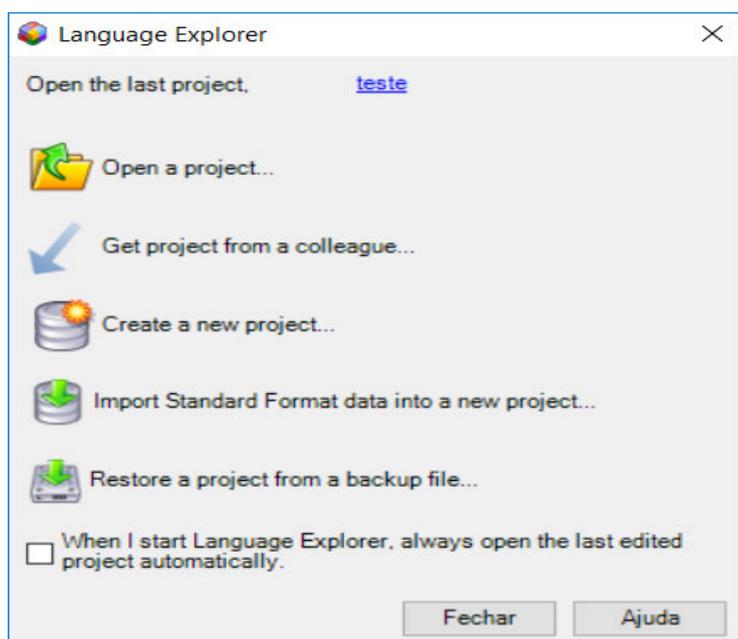
	A	B	C	D	E	F	G	H
1	\lx	\va	\ng	\de	\bb	\ee	\so	\cf
2	aborto		s.m	fato que ocorre quando a mulher teve a gestação interrompida por causas variadas.	QSL0126/ALiB: Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve _____.		SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2.	cf. perca
3	perdeu		v.				SL; TT.	abortou
4	abortou		v.				SL.	cf. perdeu
	abril		s.m	o quarto mês do ano.	QSL034/ALiB: Q uais são os meses do ano?		SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2 BC028-	

Fonte: Elaborada pela autora com base em *print* de tela modificada do Excel

Visto que o *FLEX* só permite a importação de todos os dados de forma direta se o arquivo em que eles estiverem contidos estiver no formato SFM (Simple File Manager), houve necessidade de utilização de outro aplicativo que também é fornecido pelo SIL, o SheetSwiper, que possibilita a conversão XLS⁹ (para SFM. Somente desse modo foi possível fazer a migração dos dados para o *FLEX*. Abaixo, segue a tela inicial do programa em questão:

⁹ Extensão do formato do Excel.

Figura 5: Tela inicial do FLEx



FONTE: *Print* da tela inicial do FLEx

Ao abrir o FLEx, aparece a tela inicial do sistema apresentada na Figura 5. Apesar da maneira aparentemente prática de utilização do programa, tivemos alguns problemas quanto à exportação do glossário. E diante do ocorrido buscamos novas soluções para que o *vocabulário* fosse elaborado.

Para tanto, fizemos “correspondências entre as células” do nosso banco de dados que estava contido em uma planilha do *excel*, mantendo a codificação anterior. Abaixo segue a descrição das etapas do processo de inserção das fórmulas que fora necessárias para tratamento dos dados.

A coluna **va** apresenta os termos das células entre parênteses e, por se tratar de 640 entradas a função CONCATENAR foi escolhida para automatizar este processo. Criamos uma cópia da coluna **va**, onde foi inserida a função =CONCATENAR (“(“; **CÉLULA SELECIONADA**;)”). Por exemplo, a entrada *mendoim* ficou da seguinte forma:

Entrada: mendoim → =CONCATENAR (“(“; C23;)”) → “mendoim”

Para a junção dos dados de todas as colunas em uma única célula (em linha) a fim de que se obtenha o verbete pleno foi necessário, combinar os dados com o símbolo **&**, seguindo as seguintes etapas, que seguem após a figura 6:

Figura 6: Imagem da planilha de dados com fórmulas

	A	B	D	E	F	G	H	J	
1	\lx	\va	\ng	\de	\bb	\ee	\so	\cf	\vdm
2	aborto		s.m	Evento o qual a gestação é interrompida por causas variadas.	QSL0126/ALIB: Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve...?		SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2.	cf. perca	=A2&"&B2&"&D2&"&E2&"&F2&"&G2&"&H2&"&J2
3	abortou		v.				SL	cf. perdeu	abortou v. SL cf. perdeu
4	abril		s.m	O quarto mês do ano.	QSL034/ALIB: Quais são os meses do ano?		SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4.		abril s.m O quarto mês do ano. QSL034/ALIB: Quais são os r SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; ;
5	adotado		s.m				SL,TT.	cf. filho adotivo	adotado s.m SL,TT. cf. filho adotivo
6	agosto		s.m	O oitavo mês do ano.	QSL034/ALIB: Quais são os meses do ano?		SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4.	cf. mês do desgosto, mês do vento	agosto s.m O oitavo mês do ano. QSL034/ALIB: Quais são o: [«Agosto» que é o mês do vento, mês... mês que venta muito
7	aguardente		s.f				SL	cf. cachaça	aguardente s.f SL. cf. cachaça
8	alcólatra		adj.				BC.	cf. bêbado	alcólatra adj. BC. cf. bêbado
9	alcólitro		adj.				BC.		alcólitro adj. BC.

Fonte: Elaborado pela autora

1. Seleção da célula na qual o texto combinado será disposto. Neste caso, a célula selecionada pertencente a última coluna da planilha de dados (\vdm), correspondendo ao primeiro verbete “aborto”, na segunda linha.
2. Digitar = e selecionar a primeira célula que deseja combinar.
3. Digitar **&** e utilizar aspas com um espaço entre elas.
4. Selecionar a próxima célula que deseja combinar e pressionar Enter.
5. Como exemplo, o primeiro verbete, “**aborto**”, já apresenta sua definição completa na célula selecionada da coluna \vdm combinando as respectivas colunas de dados (\lx, \va, \ng, \de, \bb, \ee, \so, \cf) através da inserção da fórmula: **=A2&"&B2&"&D2&"&E2&"&F2&"&G2&"&H2&"&J2**

aborto s.m Evento o qual a gestação é interrompida por causas variadas. QSL0126/ALiB: Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve...? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2. cf. perca".

Já tendo conhecido o processo de tratamento dos dados por meio das ferramentas computacionais, e já tendo sido apresentada neste capítulo a proposta de verbete do DDB, é pertinente esclarecer algumas peculiaridades referentes à macroestrutura do *Vocabulário Dialeto Maranhense* em relação ao Dicionário Dialeto Brasileiro.

Em se tratando das entradas correspondentes às unidades lexicais que foram obtidas por meio da aplicação do QSL, estabelecemos que somente as variantes lexicais serão lema principal, enquanto as variantes morfofonêmicas aparecem no *Vocabulário* apenas como variantes da palavra-entrada.

Já nos casos de variantes consideradas homônimas, como *redemoinho*, para referenciar tanto o movimento do vento que levanta poeira quanto para referenciar um movimento das águas, ficou estabelecido que se considerasse a situação de fala/contexto em que estava inserido o informante, bem como o significado atribuído por ele para o item lexical em questão. Deste modo, variantes homônimas no VDM são consideradas lema.

Esses direcionamentos definem quais unidades lexicais podem compor a macroestrutura do *Vocabulário*. É pertinente compreender, portanto, porque considerar que uma variante homônima pode ser uma entrada no VDM e uma variante fonética não.

Nesse sentido, a orientação que norteou as decisões tomadas partiu do entendimento de que, em se tratando dos níveis de análise da língua e a proposta deste trabalho, as variantes fonéticas foram selecionadas apenas para indicar um dado sociolinguístico do *corpus*. Como no exemplo referente à questão 21 do QSL “*Muitas vezes, de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?*”, em que dois informantes diferentes responderam *neblina* e *nebrina*.

Ainda que tanto *neblina* quanto *nebrina* sejam selecionadas pelos falantes em resposta à questão em foco, é notório que as duas formas se referem ao mesmo fenômeno natural, apresentando, apenas, realizações fonéticas diferentes. Deste

modo, considerando um dos objetivos do VDM, registrar as variantes léxico-semânticas obtidas por meio da aplicação do QSL, variantes fonéticas não foram selecionadas como candidatas a lema no *Vocabulário*.

Já as variantes lexicais têm um comportamento diferente no contexto desta pesquisa. Tendo o falante a opção de selecionar formas sinônimas para designar o mesmo objeto, entender a motivação de uso de uma “mesma” forma ao invés de outra para nomear objetos diferentes, é de fato, oportuno, uma vez que a proposta central deste trabalho é conhecer a realidade linguística dos maranhenses, considerando os dados de fala, o que exige atenção a aspectos extralinguísticos. Assim, também é muito importante que os contextos de uso de formas homônimas por parte dos informantes sejam considerados para que ela possa corresponder a uma entrada no VDM.

A reflexão acima acerca da catalogação de dados lexicográficos corrobora as ideias de (COSTA, 2018, p. 125), quando afirma que “esse tratamento de homônimos deve ser considerado pelo lexicógrafo, uma vez que os dicionários, por documentarem a língua em uso, lidam com essa questão.”.

Quanto à composição da nomenclatura do VDM e da microestrutura dos verbetes, foram consideradas questões de natureza geosociolinguística, sendo apresentados verbetes remissivos, que remetem apenas à localidade pesquisada, verbetes plenos, correspondentes às entradas que tiveram maior incidência de uso na fala dos informantes investigados.

Assim, se inserem na nomenclatura deste *Vocabulário* como verbetes plenos somente aqueles cujas unidades lexicais foram utilizadas mais vezes que outras para designar um mesmo referente. E, quando duas formas co-ocorreram, no que concerne ao número de vezes que ela aparece na fala do informante, foi estabelecido que prevaleceria como verbete pleno aquela cuja ocorrência fosse maior, considerando a quantidade de localidades nas quais o item foi selecionado. Por exemplo, *cornu* e *chifrudo* apareceram seis vezes na fala dos informantes, mas *cornu* foi selecionado como verbete pleno por se considerar que a sua realização foi documentada em todas as localidades investigadas; *chifrudo* é, então, o verbete remissivo.

No entanto, nos casos em que esse critério não se enquadra, como na inserção de *caolho* e *piloto*, variantes presentes no *corpus* deste estudo, as duas formas tornaram-se lemas de verbetes plenos, uma vez que cada uma delas teve apenas uma ocorrência.

Há, ainda, casos em que o inquiridor supõe que as denominações usadas pelos informantes não correspondem, de fato, ao referente que lhe é apresentado na questão. Quando isso ocorre, primeiro o inquiridor e depois o transcritor devem buscar meios para apurar a validade da resposta. Em se tratando do inquiridor, ele deve solicitar ao inquirido que descreva a entidade em questão. Essa estratégia possibilita examinar se o inquirido está denominando a mesma entidade, mas lançando mão de uma variante desconhecida pelo inquiridor, ou se o inquirido não conhece o referente ou não lembra como denominá-lo, ou ainda se está havendo um caso de expansão semântica.

Caso a dúvida persista, o transcritor deve seguir as orientações do ALiB, quais sejam: (i) consultar dicionários gerais da língua para verificar se a forma usada pelo inquirido encontra-se dicionarizada e com qual significado; (ii) tentar averiguar com pessoas oriundas da mesma localidade do inquirido se a forma em questão é usada ou conhecida no município; e (iii) verificar se há alguma coincidência de traços semânticos entre a entidade mencionada pelo inquirido e a que lhe é apresentada na pergunta que lhe foi feita. Com base nessas orientações, a questão será ou não validada.

A seguir, apresentamos um exemplo do tipo de verbete adotado no VDM:

amarelinha s.f. Brincadeira infantil que o jogador deve jogar uma pedrinha sobre casas riscadas no chão e pular com uma só perna sobre essas casas, de modo que a pedra não pare sobre os traços e que eles não sejam pisados pelo jogador. QSL0167/ALiB: Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só? [Primeiro eu desenharia a «amarelinha» na areia ou com um... num as.f.alto aí eu dizia: ó, pega a pedrinha, joga no número um. Aí no número um não pode pisá, só pode pisá no dois, no três, aí chega ao céu, quando voltá tem que ficá no dois e no três, pegá a pedrinha e não pisá de novo na linha, aí vai, joga no dois, depois no três, fazendo tudinho até chegá no céu, ganha quem chegá lá primeiro.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2. cf. **cancão; céu; ganriô.**

Considerando o exemplo apresentado, segue o Quadro 6 como proposta da microestrutura do verbete no *Vocabulário Dialetal Maranhense*.

QUADRO 6 – Microestrutura do verbete no VDM

Itens	Indicadores Tipográficos
Lema	O processo de lematização é submetido à ortografia e infinitivo dos verbos. O item lexical eleito como lema é aquele encontrado nos dicionários ou aquele de maior ocorrência na fala do informante.
Variante morfofonêmica¹⁰	Nesse item, se indica maneiras de realização fonética das variantes selecionadas na obra como entrada.
Classe gramatical	Registro da classe gramatical a que pertence o item lematizado.
Definição	É o texto com a definição da palavra-entrada do vocabulário.
Área Temática	Área temática do QSL em se insere a unidade lexical.
Questão	Referência à codificação resultante do número da pergunta e a sigla do Questionário Semântico-Lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil que deu origem à entrada. O texto referente à questão é descrito neste item.
Abonação	Contexto de uso em que houve a realização da unidade léxica, tal como está presente no <i>corpus</i> . Esse item não está presente em todos os verbetes, por se tratar de trechos que não estão sempre contempladas na fala dos informantes.
Legenda geosociolinguística	Informações de natureza diatópica (municípios em que o item lexical foi encontrado) e diastrática (escolaridade).
Remissivas	Referência a todos as entradas que se ligam ao item lexical lematizado – verbetes completos e remissivos –, completando, assim, o ciclo informacional acerca do lema. A indicação da remissiva é realizada pela abreviatura cf.

Fonte: Elaborado pela autora.

Além de considerar essas informações, para compreender a legenda dialetal, a qual indica a distribuição geográfica da unidade léxica documentada em relação ao *corpus* deste trabalho, conforme orientação metodológica do DDB, é de grande valia ter conhecimento dos códigos/numerações do ALiB no que concerne à sua rede de pontos, assim como os códigos identificadores do inquirido (ver Quadro 3).

Após as análises e tratamento dos dados, estes foram exportados em formato pdf e depois convertidos novamente para o formato doc. Feito isto, o *vocabulário* foi

¹⁰A variante morfofonêmica será apresentada por meio de transcrição grafemática evidenciando os fenômenos observados na fala do inquirido, mas não necessariamente se encontra em todas as entradas.

novamente revisado a fim de identificar possíveis equívocos acerca do registro das variantes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível, nessa dissertação, oferecer um *vocabulário* elaborado sob o viés da Geosociolinguística, Lexicografia e outras disciplinas afins. Todavia, diante de alguns obstáculos que surgiram ao longo do percurso que foi preciso percorrer para concluir o trabalho, tais como o volume dos dados frente ao tempo hábil para executar com afinco o tratamento dele, por exemplo. Nessa perspectiva, temos consciência de que é possível e pertinente avançar em alguns pontos de lacunas deste estudo.

Em uma nova edição do VDM poderá haver um aprimoramento no que concerne ao processo de lematização, ao acréscimo das informações geosociolinguísticas em todas as entradas, uma análise do glossário, apresentando algumas regularidades dos dados, tais como variação recorrente, unidades lexicais de origem indígena, arcaísmos, neologismos frente ao que pode ser peculiaridades maranhenses.

Ainda assim foi possível, a partir das localidades investigadas, inventariar uma imensurável riqueza lexical. Podemos inferir que houve um avanço no que tange ao registro de uma linguagem mais desprivilegiada, já que nem sempre é possível observar nos dicionários gerais da língua os verbetes por ora registrados no VDM. Sem dúvida a importância desse trabalho não é, portanto, meramente linguística, mas permeia os mais diversos âmbitos da sociedade. Afinal, a confecção de um *vocabulário* perpassa por questões sócio-econômico-culturais, como ficou evidente durante todo o processo de elaboração.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, enfrentamos muitos desafios do tempo hábil para concluir o trabalho às decisões mais simplórias tais como pensar e discernir a maneira mais profícua para compilação dos dados. Associamos essa dificuldade ao fato do VDM poder fazer parte do DDB e, portanto, apesar das peculiaridades do nosso trabalho, nossas decisões eram pautadas na possibilidade de fornecer um banco de dados que atendesse às necessidades de uma metodologia

já estabelecida, a do DDB. Em síntese, de oferecer um banco de dados que pudesse ser usado posteriormente para a feitura de outro trabalho de amplitude maior.

Desse modo, destacamos a grande relevância do *Microsoft Office Excel* para feitura do VDM. Não há dúvidas de que os modos de edição das planilhas geradas eletronicamente facilitaram muito o processo de tratamento dos dados. Além disso, tratar dados dialetais com fins lexicográficos não foi tarefa fácil, pois partimos de dados que foram coletados e guardados de modo a não necessariamente ser utilizados para essa finalidade, fazer um *vocabulário*.

Em termos desse processo, foi de grande valia a facilidade no acesso a esses dados devido diversos fatores. Um deles foi a possibilidade de, quando necessário, ouvir as gravações dos áudios referentes aos inquéritos. Se “a gravação seria a ocorrência real de uma sequência, já que ela consegue registrar exatamente o que aconteceu” Sacks (1984, p. 268), acreditamos que poder ouvir os inquéritos transcritos nos permitiu fazer uma análise que considerou o processo da enunciação. E mais, poder reconhecer aspectos extralinguísticos que contribuem diretamente para a atitude do falante frente à língua.

De modo geral, todos os acontecimentos imprevistos acerca da ferramenta computacional a ser utilizada para tratamento dos dados foram muito importantes. Porque a cada decisão havia uma nova possibilidade de rever a unidade lexical que seria registrada no VDM, bem como o contexto situacional que pôde ou não condicionar o informante para seleção da variante em seu discurso.

Sabemos, pois, que a apresentação do VDM pode ser uma nova maneira de olhar para o português falado no Maranhão e que entendemos que numa visão crítica, ainda há muito a se fazer acerca do registro sistematizado do léxico no Estado.

Acreditamos ter contribuído para que o conhecimento da língua portuguesa, sobretudo em sua variedade maranhense, seja difundido em todo país com vistas a ampliar os estudos linguísticos, principalmente por meio da elaboração do DDB, mas também por meio de outras áreas de estudo.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. A importância dos dados geolinguísticos para a construção de dicionários de língua portuguesa. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MEJRI, Salah. (Orgs.). **Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias**. Salvador: Vento Leste, 2011. p. 271- 288.

Barbosa, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I.M (Org.). A constituição da normalização terminológica no Brasil. **Cadernos de Terminologia**, nº 2. São Paulo: FFLCH/ USP, 2001.

_____. Aspectos da produção dos vocabulários técnico-científicos. In: Estudos Linguísticos XVIII. **Anais de seminários do GEL**. São Paulo, GEL/USP, 1989, p. 105-112.

_____. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo, 1995, v. 8, n. 1, p. 15-30.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de Dicionários: uma introdução à Lexicografia**. São Paulo: Ed. UNESP. 2003.

_____. **Dicionário de usos do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 58, n. 2, 2006, p. 35-37. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 agost. 2018.

_____. A face quantitativa da linguagem: um dicionário de frequências do português. **Alfa**, São Paulo, v.42, p.161-181, 1998.

_____. Léxico e vocabulário fundamental. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v.40, 1996. p. 27-46. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994/3664> Acesso em: 30 de nov. de 2018.

_____. A ciência da lexicografia. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 28 – Suplemento, 1984. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107589>>. Acesso em 12 de jun. 2019.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: Ana Maria Pinto Pires de Oliveira; Aparecida Negri Isquerdo (Orgs.). **As ciências do**

léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 131-144.

CALDAS AULETE. **Dicionário Caldas Aulete**. Versão online. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística:** uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice; FERREIRA, Carlota. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. **Geolinguística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionários**. Londrina, Editora UEL, 2001.

COSTA, Daniela de Souza Silva. **Vocabulário Dialeto do Centro Oeste:** interfaces entre a lexicografia e a dialetologia. 2018. v. 1, 353 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Paraná, 2018.

DIAS, Cristiane Soares. O léxico da pesca no município de Raposa. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; ROCHA, Maria de Fátima Sopas; BEZERRA, José de Ribamar Mendes. (orgs.). **A diversidade do português falado no Maranhão: o Atlas Linguístico do Maranhão em foco**. São Luís: Edufma, 2006, p. 104-119.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1995.

FAFINA, Danilo Mussa. **Tabu linguístico no no português falado No Maranhão, na Bahia e em Guiné-Bissau:** um estudo da variação diatópica. 2017. v. 1, 146 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

GRUPO NÊMESIS. **Dicionário Dialeto Brasileiro**. Disponível em: <https://gruponemesis.ufba.br/projetos/dicion%C3%A1rio-dialeto-brasileiro>. Acesso em: 19 maio.2018.

HENRIQUES, Claudio Cezar. A lexicologia aplicada: as contribuições didáticas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. (orgs.) **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. v.5. Campo Grande: UFMS, 2010. p. 49-61.

HINTZE, Ana Cristina Jaeger. Contribuições das pesquisas diacrônicas para os estudos do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. (orgs.) **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2010. v. 5. p. 49-61.

HOUAISS, Antônio. HOUAISS, VILLAR, Mauro de Sales **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, versão 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

_____. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e intermediárias**: 2017. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. **Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. São Luís: Iphan/MA, 2011.

ISQUERDO, Aparecida Negri. A propósito de dicionários de regionalismo de português do Brasil. In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri, (org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: EDUFMS; São Paulo: Humanitas. 2007. v. 3. p. 193-208.

KRIEGER, Maria da Graça. O léxico do português do Brasil em dicionários. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., RIBEIRO, S., orgs. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 391-400.

LABOV, Willian. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo, Parábola, 2008.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. Um Ponto de Interseção para a Dialectologia e a Lexicografia: a proposição de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB, *Estudos Linguísticos e Literários*, 41, p. 51-52, 2010.

_____. Do conceito de variante nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. **Filologia e Linguística Portuguesa**., v. 16, p. 261-275, 2014.

_____. Lexicografia histórica e questões de método. In: LOBO, Tânia; *et alii*. (Orgs.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA/FAPESB, 2012.

_____. Um ponto de interseção para a dialetologia e a lexicografia: a proposição de elaboração de um dicionário dialetal Brasileiro com base nos dados do ALiB. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 41, p. 49-70, jan./jun. 2010.

_____. 2015. Do conceito de “variante” nos estudos do léxico de perspectiva histórico-variacional. **Filologia e Linguística Portuguesa**, Brasil, v. 16, n. 2, p. 261-275, dez. 2014. ISSN 2176-9419. Disponível em: doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i2p261-275>. Acesso em: 29 jan. 2018.

MARANHÃO, Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres. Poranduba maranhense. Separata de: **Revista de Geografia e História do Maranhão**. São Luís, dez. 1946.

MICHAELIS. Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998. Dicionários Michaelis, 2259 p.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. A contribuição de um dicionário histórico: o dicionário histórico do Português do Brasil. **Organon**, v. 25, n. 50, p. 243-274, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124848>>. Acesso em 12 de mar. 2019.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.168p.

NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1958. v. 2.

NEIVA, Isamar. **Vocabulário Dialeto Baiano**. v. 1, 270 f. Tese (Doutorado em língua e cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

OLIVEIRA, Ana Maria Pires Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande, MS: EDUFMS, 2001.

PAIM, Marcela Moura Torres. Aspectos da variação semântico-lexical nas capitais brasileiras. In: ALTINO, Fabiane Cristina. (org). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012.

PEREIRA, Edson Lemos. **Pelos caminhos das águas, um estudo da hidronímia da mesorregião norte maranhense**. 2017.109 f. Dissertação (Mestrado em descrição e análise do português brasileiro). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2017.

Pontes, Antonio Luciano. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo et al. **Dicionário da obra de Domingos Vieira Filho**. São Luís: EDUFMA, 2015.

_____. A presença das línguas indígenas na toponímia maranhense. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et. al. **O português falado no Maranhão: estudos preliminares**. São Luís: EDUFMA, 2005, p. 95-103.

_____. **O português falado no Maranhão: estudos preliminares**. 2. ed. São Luís: Edefma; 2010.

_____. O atlas linguístico do Maranhão: a contribuição para os estudos dialetais sobre o léxico do português brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGÜÍSTICA, 3., 2014, Londrina. **Anais...** Londrina: CIDS, 2014. p. 1452- 1463.

_____. No céu do Maranhão Cruzam-se catirinas, tingas e pragas: um estudo semântico-lexical da fauna maranhense. In: **Documentos 3**: projeto atlas linguístico do Brasil. Jacyra Andrade Mota; Suzana Alice Marcelino Cardoso; Marcela Moura Torres Paim (Orgs.). Salvador: Vento Leste, 2012. p. 263-281.

SACKS, H. Notes on methodology. In: HERITAGE, J.; ATKINSON, M. (eds.). **Structures of social action**: studies in conversational analysis. Cambridge University Press, 1984.

SERRA, Luís. Henrique. A produção lexical nos domínios da especialidade dos plantadores de mandioca no Maranhão. **Littera Online**. São Luís, n 2, v.1, p 76-87, 2010.

SILVA, Maria Cristina Parreira. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: ALVES, Ieda Maria; ISQUERDO, Aparecida Negri, (org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: EDUFMS; São Paulo: Humanitas. 2007. v. 3. p. 283-293.

SILVEIRA, Theciana Silva. **Maranhão, terra das palmeiras**: um estudo da sinonímia na terminologia do babaçu. 2017. 119 f. (Dissertação: mestrado em Letras). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2017.

SINCLAIR, John McHardy. **Preliminary Recommendations on Corpus Typology**. 1996. Disponível em: <http://www.ilc.cnr.it/EAGLES96/corpus/typ/node1.html#SECTION00010000000000000000>. Acesso em: 20 jun. 2018.

:

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

THUN, Harald. A Dialetoлогия pluridimensional no Rio da Prata. In: STAHLZIWS, Ana Maria. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p.63-92.

VALENTE, André. Léxico e discurso: neologia midiática. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. (orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. 5. p. 63-77. Campo Grande: UFMS, 2010.

VIEIRA FILHO, Domingos. **A linguagem popular do Maranhão**. 3. ed. São Luís: Olímpica, 1979.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em Ciências da Linguagem: Lexicografia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. (Org.). **Ciências da Linguagem**: O fazer científico. Campinas: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 231-264

APÊNDICE - Vocabulário Dialetal Maranhense

A

aborto s.m. Momento em que a gestação é interrompida por causas variadas. QSL0126/ALiB: Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve...? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2. cf. **perca**.

abortou v. SL. cf. **perdeu**.

abril s.m. Quarto mês do ano. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2 BC028-3; BC028-4.

adotado s.m. SL; TT. cf. **filho adotivo**.

agosto s.m. Oitavo mês do ano. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? [«Agosto» que é o mês do vento, mês... mês que venta muito, mês de agosto.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **mês do desgosto; mês do vento**.

aguardente s.f. SL. cf. **cachaça**.

alcólatra adj. BC. cf. **bêbado**.

alcólito adj. BC. cf. **bêbado**

alcoholizado adj. SL. cf. **bêbado**.

alejado adj. TT. cf. **coxo**.

alforge s.m. SL; TT. cf. **bolsa**.

alguêro s.m. TT. cf. **cisco**.

alma s.f. Composição imaterial humana que pode ser observada a noite em casas ou cemitérios. QSL0148/ALiB: O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é do outro mundo? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **alma penada; assombração; espírito; fantasma; visagem; vulto**.

alma penada s.f. SL. cf. **alma**.

alsa s.f. SL. cf. **braço**.

alvorecer v. SL. cf. **nascer do sol**.

ama de leite s.f. SL. cf. **mãe de leite**.

amanhecendo adj. Fenômeno atmosférico em que a noite finda e o sol começa a aparecer, dando luminosidade à terra. QSL022/ALiB: Como se chama a parte do dia que começa a clarear? SL026-1; SL026-2; BC028-1; BC028-4. cf. **nascer do dia; barra do do dia; quebrano a barra do dia**.

amanhecer do dia v. TT. cf. **amanhecendo**.

amarelinha s.f. Brincadeira infantil em que o participante deve jogar uma pedrinha sobre casas riscadas no chão e pular com uma só perna sobre essas casas, de modo que a pedra não pare sobre os traços e que eles não sejam pisados pelo jogador. QSL0167/ALiB: Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só? [Primeiro eu desenharia a «amarelinha» na areia ou com um... num as.f.alto aí eu dizia: ó, pega a pedrinha, joga no número um. Aí no número um não pode pisá, só pode pisá no dois, no três, aí chega ao céu, quando voltá tem que ficá no dois e no três, pegá a pedrinha e não pisá de novo na linha, aí vai, joga no dois, depois no três, fazendo tudinho até chegá no céu, ganha quem chegá lá primeiro.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2. cf. **cancão; céu; ganriô**.

amarrar o facão s.m. TT. cf. **menopausa**.

amendoim s.m. Leguminosa natural do Brasil que possui casca dura e pode ser consumido de maneiras variadas. QSL040/ALiB: Como se chama o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1 cf. **mudumbim; mindubim**.

amuleto s.m. Objeto utilizado como forma de proteção pessoal ou para dar sorte. QSL0150/ALiB: Como se chama o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males? SL026-2; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; TT030-2. cf. **rusaro**.

anda caxingando adj. BC; TT. cf. **manco**

anjo mal s.m. SL. cf. **diabo**

anoitecendo v. Mudança de um período entre a tarde e a noite. QSL028/ALiB: Como se chama o começo da noite? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-8. cf. **está escurecendo; boca da noite**

anta adj. SL. cf. **rude**

anteontem s.m. Um dia anterior ao dia de ontem. QSL037/ALiB: Como se chama o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **antonte**

antonte s.m. BC; TT. cf. **anteontem**

apagador s.m. TT. cf. **interruptor**.

aparelho sanitário s.m. SL; BC. cf. **sifon**

apregada adj. SL. cf. **gêmia**

arco-íris (arcoili) s.m. Arco constituído de sete cores, originado do fenômeno óptico que, por meio da dispersão da luz solar sobre as gotas de água presentes no ar, forma um espectro de luzes. QSL 017/ALiB: Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas.

Que nomes dão a essa faixa? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

área s.f. SL. cf. **terreno**

assassino adj.TT. cf. **pistoleiro**

assassino de aluguel adj. SL. cf. **pistoleiro**

assombração s.f. SL. cf. **alma**

atiradeira s.f. SL. cf. **estilingue**

avarento adj. SL. cf. **canhenga**

avinidia s.m. BC. cf. **catarata**

axila s.f. SL. cf. **suvaco**

B

bagana s.f. SL; TT. cf. **toco**

bala s.f. [Uma «bala» é doce, tem vários sabores. É uma guloseima, algo doce, com gosto de fruta... sabor artificial, é algo, é algo assim, né?] SL. cf. **bombom**

baladeira¹ s.f. SL; BC; TT. cf. **estilingue**

baladeira² s.f. SL. cf. **sutiã**

balançador s.m. BC; TT. cf. **balanço**

balanço (baloço) s.m. Brinquedo que forma suspenso por cordas, contendo uma tábua entre elas que a criança utiliza como um assento. QSL0166/ALiB: Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás? [É aquele brinquedo que a tábua é apoiada no meio, «balanço».] SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-3. cf. **balançador**; **galamacho**

balão s.m. SL. cf. **rotatória**

baldiar v. BC; TT. cf. **vomitar**

bale adj. TT. cf. **balerento**

balerento adj. [Fulano fala demais, fulano é bale, «balerento».] TT. cf. **faladeira**

balinha s.f. SL; TT. cf. **bombom**

banana cunha s.f. BC. cf. **gêmias**

bandido adj. BC. cf. **pistoleiro**

banguela (branguela) s.f. Característica de pessoa sem dente ou com falta de alguns deles. QSL0100/ALiB: Como se chama a pessoa que não tem dentes? SL026-1; SL026-2; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2. cf. **desdentado**; **boca mole**; **sem dente**

banzêro s.m. SL. cf. **onda**

bar s.m. Lugar que vendem bebidas. QSL0202/ALiB: Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir para beber, onde também se pode comprar alguma outra coisa? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2. cf. **botequim**; **boteco**; **quitanda**

baralhento adj. TT. cf. **faladeira**

barigeira (varigêra) s.f. Mosca de aspecto esverdeado que faz barulho ao voar. QSL083/ALiB: Como se chama um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa? SL026-2; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3. cf. **moscão**; **mosca de berne**

barra do dia v. TT. cf. **nascer do dia**

barriga s.f. BC; TT. cf. **útero**

barriga branca adj. SL. cf. **corno**

bêbado adj. Qualidade da pessoa que faz ingestão de bebidas alcoólicas demasiadamente. QSL0144/ALiB: Que nomes dão a uma pessoa que bebe demais? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-4. cf. **alcoholizado**; **alcólito**; **embregado**; **cachaceiro**; **beberrão**; **ligado**; **travado**; **bebedô**, **pudim de cana**; **pingunço**

bebedô adj. BC. cf. **bêbado**

beberrão adj. SL. cf. **bêbado**

beija-flor s.m. Ave de pequeno porte, que absorve o néctar das flores e voa batendo as asas muito rápido, a ponto de ficar parado no ar. QSL065/ALiB: Como se chama o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **colibri**

bengalinha s.f. SL. cf. **bisnarga**

benzedeira (benzedêra) s.f. Mulher que benze outras pessoas na crença de que as livrará de feitiços. QSL0151/ALiB: Como se chama a mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta? SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **rezadeira**

berloque s.m. SL. cf. **medalha**

bicho¹ s.m. BC. cf. **bicho de goiaba**

bicho² s.m. BC. cf. **diabo**

bicho de goiaba s.m. Verme branco e enrugado que pode ser encontrado na goiaba e no côco. SL086/ALiB: Como se chama aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, em côco? SL026-2; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; TT030-1; TT030-2. cf. **tapuro**; **bicho**

bicó¹ s.m. SL; BC. cf. **galinha da angola**

bicó² s.m. BC; TT. cf. **tocó**

bidela s.f. SL. cf. **toco**

bisnarga (binarga, bisnaga) s.f. Pão feito com trigo em formato alongado. QSL0187/ALiB: Como se chama isto? [A «bisnaga» me parece que é mais curta e mais... encorpada.] SL026-1; SL026-3; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **bengalinha**

bitica s.m. TT. cf. **pegador**

bituca s.f. SL. cf. **toco**

blush s.m. SL. cf. **ruge**.

boca da noite s.f. SL; BC; TT. cf. **anoitecendo**

boca mole TT. cf. **banguela**

boi da banana s.m. SL. cf. **mangará**

boim s.m. BC. cf. **mangará**

bolacha do joelho s.m. BC; TT. cf. **patela**

bolinha s.f. SL. cf. **peteca**

bolinha de gude s.f. SL; BC; TT. cf. **peteca**

bolsa s.f. Utensílio em formato de saco que possui as extremidades fechadas, utilizado para distribuir o peso pelos dois lados no lombo de alguns animais com a serventia de transporte. QSL058/ALiB: Quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro? SL026-2; SL026-4; SL026-8. cf. **bornal**; **alforge**; **mala de couro**

bom barquinho s.m. BC. cf. **pata-cega**

bom de apetite adj. BC. cf. **guloso**

bombom s.m. Alimento doce em diversas formas e cores que costuma ser embrulhado por um plástico. QSL0185/ALiB: Como se chama aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3. cf. **bala**; **balinha**

bornal s.m. SL. cf. **bolsa**

boteco s.m. SL; BC. cf. **bar**

botequim s.m. SL; BC; TT. cf. **bar**

braço s.f. Hastes do carro de mão que servem para manuseá-lo. QSL053/ALiB: Como se chama as duas partes em que a pessoa segura para empurrar o carro de mão? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2; TT030-3 cf. **cabo**; **raste**; **alsas**

brasa s.f. SL. cf. **cinza**

burrai s.m. BC; TT. cf. **cinza**

burrego s.m. TT. cf. **carneirinho**

burreguim s.m. [Eh... eh... burrego... um «burreguim» nasceu da ovelha [...]] BC; TT. cf. **carneirinho**

burro adj. SL. cf. **rude**

boticário s.m. SL. cf. **curandeiro**

C

caba seca s.f. BC. cf. **macaquinho**

cabo s.m. SL; TT. cf. **braço**

cabra-cega s.f. SL; TT. cf. **pata-cega**

cabrito s.m. TT. cf. **carneirinho**

cachaça s.f. Água ardente de cana-de-açúcar com teor alcoólico. QSL0182/ALiB: Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **caninha**; **aguardente**; **cana**; **pinga**; **fubulha**

cachaceiro adj. SL; TT. cf. **bêbado**

cachingando v. BC. cf. **manco**

caçula adj. Qualidade atribuída ao filho que nasceu por último. QSL0131/ALiB: Como se chama o filho que nasceu por último? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

café s.m. Primeira refeição do dia. QSL0176/ALiB: Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-4; TT030-3; TT030-4. cf. **café da manhã**; **dejejum**; **merenda**

café da manhã s.f. SL. cf. **café**

cair da tarde s.m. SL. cf. **entardecer**

calçada (coçada) s.f. Pavimento colocado em frente dos imóveis para o pedestres transitarem. QSL0196/ALiB: Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama esse caminho? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **passeio**

calcanhar (carcanhar; cocanhá) s.m. Região posterior do pé humano. QSL0119/ALiB: Como se chama isto? SL026-2; SL026-3; SL026-5; SL026-6; SL026-7; BC028-1; BC028-2; BC028-3 BC028-4; TT030-1; TT030-2. cf. **mocotó**

calcinha s.f. Vestimenta feminina que é utilizada debaixo de outra peça de roupa. QSL0190/ALiB: A roupa que a mulher usa debaixo da saia? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **sunga**; **calçola**

calçola s.f. SL. cf. **calcinha**

calda s.f. BC. cf. **rabo**

caloteira adj. Característica da pessoa que não paga o que deve. QSL0139/ALiB: Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas? SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. **trapasseiro; trambiqueiro; mau pagador; enrolão; veaco**

cambalhota s.f. SL; TT. cf. **carambela**

cambito s.m. TT. cf. **macaquinho**

cambota adj. Característica física da pessoa que tem as pernas arqueadas na direção da extremidade do corpo. QSL0116/ALiB: Como se chama a pessoa de pernas curvas? SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-3 BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **perna de alicate; perna de gancho; perna de breque; perna de cagalha; zambeta**

caminho s.m. Passagem limitada que é aberta no meio do mato a medida que pessoas e animais passam por ali. QSL063/ALiB: Como se chama o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali? SL026-1; SL026-2; SL026-4; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **vereda; passagem; trilha**

caminho de santiago s.m. BC. cf. **via láctea**

camomila s.f. Flores que possuem um efeito calmante e ajudam no alívio das cólicas dos recém-nascidos. QSL041/ALiB: Como se chama umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar? Mostrar. SL026-1; SL026-2; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8.

cana s.f. SL. cf. **cachaça**

cancão s.m. SL; TT. cf. **amarelinha**

canga¹ s.f. Peça que se coloca na parte posterior do pescoço de alguns animais para atravessarem cercas. QSL054/ALiB: Como se chama a armação de madeira que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro / bezerro, carneiro, vaca) para não atravessarem a cerca? SL026-4; SL026-8; BC028-2; BC028-3. cf. **forquilha**

canga² s.f. BC; TT. cf. **cesto**

cangalha (cangaia) s.f. Peça que se coloca no lombo de alguns animais para sustentar cargas. QSL055/ALiB: Como se chama a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

cangote s.m. BC; TT. cf. **nunca**

canhenga adj. Pessoa que tem dinheiro e não gosta de gastá-lo. QSL0138/ALiB: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para não gastar? SL026-

1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-3. cf. **pão-duro; mão fechada; mão de vaca; mão de maritaca; avarento; suvino; seguro**

canhoto adj. Pessoa que tem mais habilidade com os membros esquerdo do corpo. QSL0110/ALiB: Como é que se chama a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-3; TT030-4. cf. **esquerdo**

caninha s.f. SL. cf. **cachaça**

canino s.m. Dente pontiagudo, localizado na arcada dentária entre os incisivos e os pré-molares. QSL097/ALiB: Como se chama esses dois dentes pontudos? SL026-1; SL026-2; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **preza**

canjica s.f. Alimento feito com grãos de milho verdes ralados e cozidos que pode se polvilhar com canela para ingestão. QSL0179/ALiB: Como se chama uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhada com canela? [A «canjica» eh... é feita de milho, tem que ralá ela e passá no liquidificador. E quando bate no liquidificador, bota coco, leite, açúcar, mexendo na panela até ele ficar durinho. Ele não fica duro... ele fica assim mole.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4.

cão s.m. SL; TT. cf. **diabo**

caolho adj. Qualidade da pessoa que só enxerga de um olho. QSL091/ALiB: Como se chama a pessoa que só enxerga com um olho? SL026-3; SL026-7; SL026-8. cf. **piloto**

capela do olho s.f. SL; TT. cf. **pálpebra**

capote s.m. SL; BC; TT. cf. **guiné**

carambela s.f. Brincadeira infantil na qual a criança faz um movimento giratório do corpo sobre a cabeça e finaliza esse movimento sentado. QSL0155/ALiB: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1. cf. **cambalhota; virá bunda canasca**

carcunda adj. TT. cf. **corcunda**

caretado s.f. [Sim... tá «caretado»... aí chama, eu vô amarrá a catirina, é igual a história do, do bichinho que voa, a gente chama catirina, você é a catirina, amarra meu rosto.] BC. cf. **pata-cega**

carne moída s.f. Carne bovina após ter sido triturada em uma máquina. QSL0178/ALiB: Como se chama a carne depois de triturada na máquina? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

carneirinho (carnerim) s.m. Nome que é dado à cria da ovelha ao nascer. QSL059/ALiB: Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome? SL026-7; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2. cf. **burrego; burreguim; cabrito; ovelhinha**

carro de mão s.m. Veículo que se locomove por meio da ação humana e serve de transporte de materiais. QSL052/ALiB: Como se chama o veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para

pequenas cargas em trechos curtos? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

carro de viagem s.m. SL. cf. **ônibus interurbano**

casamento da raposa s.f. TT. cf. **céu tá abrindo**

cassuá s.m. SL. cf. **cesto**

cataraca s.f. SL; BC. cf. **meleca**

catarata¹ (taraca) s.f. Opacidade na lente natural do olho que torna a visão embaçada ou enevoadada. QSL096/ALiB: Como se chama aquela pele branca no olho que dá em pessoas mais idosas? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **avinídia**

catarata² s.f. SL; BC; TT. cf. **meleca**

catinga s.f. Forte odor na região axilar. QSL0109/ALiB: Como se chama o mau cheiro embaixo dos braços? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3. cf. **inhaca**; **cecê**; **suvaqueira**; **tá com gambá**; **tá com catitu**; **fedor de gambá**

catiringa s.f. BC. cf. **macaquinho**

catraio s.f. SL. cf. **guiné**

caxingó adj. TT. cf. **manco**

cecê s.m. SL. cf. **catinga**

cesto (cesta) s.m. Objeto geralmente feito de palha, vime, taquara que se coloca no lombo de animais e serve para sustentar cargas. QSL057/ALiB: Como se chama aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.), no lombo do cavalo ou do burro? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-8. cf. **canga**; **jacá**; **cassuá**; **cofo**

céu s.m. SL. cf. **amerelinha**

céu tá abrindo v. Diz-se do momento em que a chuva cessa e o sol começa aparecer. QSL 016/ALiB: Como dizem do tempo, aqui, quando termina a chuva e o sol começa a aparecer? [A gente normalmente fala o «céu tá abrindo», né, quando termina a chuva e inicia, o sol começa a brilhar...] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. **limpou**; **clareou**; **estiuou**; **tempo tá abrindo**; **tá clareando**; **casamento da raposa**

chá de burro s.m. BC; TT. cf. **mingau de milho**

chamichuga s.f. BC; TT. cf. **sanguessuga**

chavelhudo adj. SL. cf. **cornó**

cheio adj. Pessoa que comeu além da sua necessidade fisiológica. QSL0183/ALiB: Quando uma pessoa acha que comeu demais, ela diz: Comi tanto que estou...? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **impachado; impanzinado; panturrado**

chifre s.m. Uma proeminência presente na parte de cima da cabeça de alguns animais. QSL077/Alib: O que o boi tem na cabeça? SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

chifrudo adj. SL; TT. cf. **cornu**

chuva aturada s.f. TT. cf. **chuva longa**

chuva aturativa s.f. [Ela molha muito, ela é «aturativa» né, ela molha mais que a chuva rápida, né, assim, a terra, nois temo muita assim.] BC. cf. **chuva longa**

chuva de gelo s.f. BC; TT. cf. **chuva de granizo**

chuva de granizo s.f. Precipitação atmosférica que resulta na queda de pequenos blocos irregulares de gelo. QSL 015/ALiB: Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6. cf. **chuva de pedra; chuva de granizo; chuva de gelo**

chuva de pedra s.f. BC; TT. cf. **chuva de granizo**

chuva de trivoadá s.f. SL. cf. **chuva passageira**

chuva demorada s.f. BC. cf. **chuva forte**

chuva forte s.f. Evento natural de curta duração que resulta da precipitação das gotas líquidas ou sólidas da água das nuvens sobre a superfície terrestre. QSL013/ALiB: Uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada? SL026-7; BC028 -3. cf. **chuva demorada; chuva rápida**

chuva fraca s.f. SL. cf. **chuvisco**

chuva grossa s.f. TT. cf. **tempestade**

chuva longa s.f. Fenômeno meteorológico resultante da precipitação da água atmosférica em forma de gotas, de maneira contínua e intensa. QSL 014/ALiB: Como se chama uma chuva forte e contínua? SL026-1; SL026-3; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-3; TT030-3. cf. **chuva aturada; chuva aturativa**

chuva passageira s.f. [A gente chama sempre «chuva passageira» que a chuva ficou muito forte.] SL. cf. **chuva de tempestade**

chuva rápida¹ TT. cf. **chuva forte**

chuva rápida² s.f. SL. cf. **chuvisco**

chuva veloz s.f. BC. cf. **chuva forte**

chuvisco s.m. Precipitação de gotas de água que se caracteriza por serem gotas pequenas e por caírem de modo vagaroso. QSL 018/ALiB: Como se chama uma chuva bem fininha? SL026-1; SL026-3; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; TT030-1. cf. **chuva fraca; chuva rápida; sereno**

cigarro bruto s.m. BC. cf. **toco**

cigarro de palha s.m. QSL0145/ALiB: Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? [Era enrolado, muito típico de Minas Gerais, eles falam muito «cigarro de palha», de mineirinho, que ele faz, enrolam aquela palhazinha e faz o cigarro.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **porronca; fumo; puliça; torronco**

cinza s.f. Resíduo que sobra após algo ser completamente consumido pelo fogo. QSL0172/ALiB: Como se chama a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha? SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-3. cf. **brasa; burrai**

cisco s.m. Miudezas que caem nos olhos causando irritação. QSL090/ALiB: Como se chama alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2; TT030-4. cf. **alguêro**

clareou v. SL. cf. **céu tá abrindo**

climatério adj. SL. cf. **menopausa**

cocá s.m. TT. cf. **guiné**

cócega (cósica) s.f. Sensação pessoal que provoca movimentos espasmódicos e/ou riso incontrolado, produzida por um leve roçar, repetidos toques ou fricções leves em certos pontos do corpo. QSL0120/ALiB: Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **cósca**

cocô de nariz s.m. SL. cf. **meleca**

cofo s.m. SL. cf. **cesto**

coin s.f. BC. cf. **gêmias**

coletivo s.m. SL; BC. cf. **ônibus**

colibri s.m. SL. cf. **beija-flor**

comama adj. BC. cf. **xará**

comilão adj. SL; TT. cf. **guloso**

conjuntivite s.m. SL; TT. cf. **dordolho**

corcunda (carcunda; cacunda) adj. Pessoa dotada de uma deformidade na coluna vertebral, da qual resulta uma protuberância disforme nas costas e, não raro, no peito. QSL0107/ALiB: Como se chama

a pessoa que tem um calombo grande nas costas e fica assim? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3. cf. **gibão; lumbí; carcunda**

cornu adj. Homem traído pela mulher. QSL0141/ALiB: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem? [«Corno» manso, da palavra «corno». Tem “n” derivações aí, mas normalmente é «corno», chifrudo...] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2. cf. **marido traído; corno manso; chifrudo; chavelhudo; touro; barriga branca; tiúba**

cornu manso adj. SL. cf. **cornu**

cósca s.f. SL; TT. cf. **cócega**

costas s.f. BC; TT. cf. **lombo**

cotó¹ adj. TT. cf. **manco**

cotó² adj. BC; TT. cf. **toco**

coxo adj. Pessoa que não possui um dos membros inferiores. QSL0114/ALiB: Como se chama a pessoa que não tem uma perna? SL026-3; SL026-4; 6; SL026-7; SL026-8; BC028-4. cf. **perneta; alejado; manco**

coxoló adj. TT. cf. **manco**

cravícula (clavícula; cavícula) s.m. Ossos proeminentes localizados na costa do ser humano. QSL0106/ALiB: Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro? SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **escápula; omeoplata; pá**

crepúsculo s.m. Uma claridade que se observa um pouco antes do sol se pôr. QSL026/ALiB: Como se chama a claridade avermelhada do céu que fica depois do pôr do sol? SL026-1; SL026-4; SL026-6; SL026-7. cf. **poente; pôr-do-sol**

criminoso adj. BC. cf. **pistoleiro**

crina (clina) s.f. Pêlos compridos encontrados na região da cabeça do cavalo. QSL073/ALiB: Como se chama o cabelo em cima do pescoço do cavalo? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **quilina**

cueca s.m. Vestimenta masculina que costuma ser utilizada sob outra peça do vestuário masculino. QSL0189/ALiB: Como se chama a roupa que o homem usa debaixo da calça? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **samba-canção**

cumunã s.m. [Aquela coisa preta que gruda.] BC. cf. **tirna**

curandeiro s.m. Pessoa que trata das enfermidades dos doentes por meio de plantas medicinais. QSL0152/ALiB: Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas? [São as pessoas que trabalham com, com... tentando curar doenças com, exatamente com isso, com rezas, com,

com, com ervas, com plantas, essas coisas.] SL026-7; SL026-8; BC028-2; TT030-1; TT030-2. cf. **boticário; raizeiro**

curica s.f. QSL0159/ALiB: Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha? [Eu chamo «curica» a que não tem vareta, é só papel pendurado na cor... na linha, dá-se o nome de «curica».] SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6

curtiço s.m. SL. cf. **toco**

curva s.f. TT. cf. **rotatória**

D

dá a luz v. SL. cf. **parir**

defunto adj. SL; BC. cf. **falecido**

dejejum s.m. SL. cf. **café**

demônio s.m. SL; BC; TT. cf. **diabo**

dentiquêro (dentsquêro; dentiquêra) s.m. Último dente a se desenvolver nos seres humanos. QSL098/ALiB: Como se chama os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta? [É aquele que sai bem lá atrás.] SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **molares**; **sizu**

desdentado adj. SL; TT. cf. **banguela**

despacho s.m. Oferendas que são deixadas em encruzilhadas para entidades. QSL0149/ALiB: Como se chama o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **terecô**; **macumba**; **feitico**; **trabalho**; **quizumba**

dezembro s.m. O décimo segundo mês do ano. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. **mês natalino**

diabo s.m. Anjo decaído do céu que, segundo o cristianismo, vive no inferno. QSL0147/ALiB: Deus está no céu e no inferno está...? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3. cf. **satanás**; **cão**; **o chifrudo**; **demônio**; **anjo mau**

diarista s.m. Trabalhador que recebe o pagamento por dia de trabalho. QSL061/ALiB: Como se chama o homem que é contratado para trabalhar na roça de outro, que recebe por dia de trabalho? SL026-1; SL026-3; SL026-5; SL026-6; SL026-8; TT030-3; TT030-4. cf. **peão**; **trabalhador de aluguel**

dordolho (dordóio) s.m. Inflamação que causa coceira e aspecto avermelhado nos olhos. QSL095/ALiB: Como se chama a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e normalmente amanhece grudado? [«Dordóio», aquele que fica os olho vermelho.] SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-2. cf. **conjuntivite**; **sapatão**

E

embriagado adj. SL. cf. **bêbado**

encontro s.m. SL. cf. **foz**

enrolão adj. SL; TT. cf. **caloteiro**

entardecer s.m. Momento que marca o fim da tarde. QSL027ALiB: Como se chama o momento em que o sol se põe? SL026-3; SL026-8. cf. **pôr-do-sol**; **caí da tarde**

entranha s.m. SL. cf. **útero**

escápula s.f. SL. cf. **clavícula**

escodê TT. cf. **esconde-esconde**

esconde-esconde s.m. Brincadeira infantil que as crianças fecham os olhos num determinado ponto combinado e conta enquanto outras crianças se escondem para que, em seguida, possam ser procuradas por quem estava contando. QSL0160/ALiB: Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras? SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-4; TT030-1. cf. **pique-esconde**; **escodê**

escrevendo com tinta vermelha adj. SL. cf. **menstruação**

espiga s.f. Parte que contém os grãos do milho. QSL045/ALiB: Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?] SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

espinhaço s.m. TT. cf. **lombo**

espírito s.m. SL. cf. **alma**

esquerdo adj. TT. cf. **canhoto**

está escurecendo v. SL; TT. cf. **anoitecendo**

estiuu v. TT. cf. **céu tá abrindo**

estilingue s.m. SL. cf. **baladeira**; **atiradeira**

estrada (istrada) s.f. BC. cf. **caminho**; **picada**

estrela cadente s.f. Meteoro que resulta da movimentação de fragmentos de asteroides que entram na atmosfera com muita velocidade causando um efeito luminoso e passageiro. QSL031/ALiB: De noite,

muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, e faz um risco de luz. Como chamam isso? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; BC028-2; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

estrela caiu dentro do mar v. BC. cf. **estrela tá caindo**

estrela corre v. [«A estrela corre».] TT. cf. **estrela está caindo**

estrela d'alva s.f. Estrela que pode ser vista ainda pela manhã por ser muito brilhante e por demorar a desaparecer. QSL029/ALiB: De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; BC028-1; BC028-3; BC028-4. cf. **estrela de davi**

estrela de davi s.f. TT. cf. **estrela d'alva**

estrela está caindo v. Definição do momento em que se visualiza uma estrela caindo no céu QSL032/ALiB: E quando se vê uma estrela cadente, como é que se diz? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. **estrela está se deslocando**;

estrela tá se mudando v. BC. cf. **estrela está caindo**

F

faladeira adj. Pessoa que fala demasiadamente. QSL0136/ALiB: Como se chama a pessoa que fala demais? SL026-1; SL026-3SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **tagarela; falastrão; língua de trapo; língua comprida; garoto do bigode; língua grande; linguarudo; balerento; baralhento**

falastrão adj. SL. cf. **faladeira**

falecido adj. Pessoa que já morreu. QSL0135/ALiB: Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela? SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-2. cf. **defunto; finado**

faminto adj. SL. cf. **guloso**

fanho (fãin) adj. Pessoa que fala com a voz nasalada. QSL0101/ALiB: Como se chama a pessoa que parece falar pelo nariz? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **fonfon; fânique; foem; fanhoso**

fanhoso adj. TT. cf. **fanho**

fânio adj. SL; TT. cf. **fânio**

fanique adj. BC. cf. **fânio**

fantasma s.m. SL. cf. **alma**

farol s.m. BC. cf. **semáforo**

fedor de gambar s.m. TT. cf. **catinga**

feitiço s.m. SL; BC; TT. cf. **despacho**

fevereiro (feverêro) s.m. Segundo mês do ano. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4.

filho adotivo s.m. Pessoa que é criada por alguém que não é o seu pai ou mãe biológica. QSL0130/ALiB: Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada por ele como se fosse? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT 030-1. cf. **filho de criação; adotado**

filho de criação s.m. SL; TT. cf. **filho adotivo**

finado adj. SL; BC; TT. cf. **falecido**

foem adj. TT. cf. **fanho**

forquilha s.f. TT. cf. **canga**

foz (foiz) s.f. Ponto onde o rio aflui. QSL003/ALiB: Como se chama o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio? [Onde o rio termina seria «foiz». A «foiz» do rio.] SL026-3; SL026-7; SL026-8; TT030-1; TT030-3; BC028-4. cf. **imbocadura**; **encontro**

fubulha s.f. BC. cf. **cachaça**

fuligem s.f. SL. cf. **tirna**

fumo s.m. SL; BC; TT. cf. **cigarro de palha**

funil s.m. SL. cf. **redemoinho**

furquilha s.f. BC. cf. **canga**

G

galamacho s.m. BC. cf. **balanço**

galinha da angola s.f. SL. cf. **guiné; bicó**

galinha gorda s.f. [Eu brinquei muito, «galinha gorda». Antes chamava gangorra.] BC. cf. **gangorra**

gambá s.m. Animal com corpo semelhante ao corpo de um rato que solta um cheiro desagradável ao se sentir ameaçado. QSL071/ALiB: Como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado? [Ele é bem fedorento.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2 BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **girita; manbirá**

gangorra s.f. Tábua com um apoio no centro que possibilita que duas pessoas fiquem nas extremidades, numa dinâmica em que uma desce ao passo que a outra sobe. QSL0165/ALiB: Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce? [Pois é uma subia dum lado... uma sentava aqui aí uma ia e a outra voltava. Um pedaço de pau que segurava. Aí ia lá em cima, aí eu voltava e aquela ia.] SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-3. cf. **galinha gorda; sobe e desce**

ganhar neném v. SL; BC; TT. cf. **parir**

ganriô s.m. [Esse... Nós brinca, nós bota uma pedrinha assim... aí que nós pula pra cá, aqui nós pula um pé só e aqui nós pula dois pé junto.] BC. cf. **amarelinha**

ganzola s.f. QSL0163/ALiB: Como se chama esse ponto combinado? [A «ganzola» seria o ponto final onde ele estaria... livre, vamos dizer assim.] SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8.

garota de programa TT. cf. **prostituta**

garotinha adj. SL; BC. cf. **menina**

garotinho s.m. SL; BC. cf. **menino**

garupa¹ s.f. SL; BC. cf. **lombo**

garupa² s.f. Região do cavalo, localizada logo após a sela, onde as pessoas sentam. QSL076/ALiB: A parte larga atrás do lombo? SL026-4; SL026-7; SL026-8; BC028-2; TT030-1; TT030-2; TT030-4. cf. **quartos; anca; trasêra**

geleia s.f. Doce de fruta com aspecto transparente e consistência gelatinosa. QSL0177/ALiB: Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito? SL026-3; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8.

gemada adj. TT. cf. **gêmias**

gêmias (gêmia)adj. Bananas que nascem grudadas. QSL043/ALiB: Como se chama as duas bananas que nascem grudadas? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **coin; banana cunha; imendada; ingemada; gemada**

gêmios (gêmio; geme) adj. Irmãos que nascem de um mesmo parto. QSL0125/ALiB: Como se chama as duas crianças que nasceram no mesmo parto? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **côes**

gibão s.m. SL. cf. **corcunda**

girassol s.m. Flor de grande porte, arredondada, de cor amarela, que gira o caule sempre posicionando a flor na direção do sol. QSL048/ALiB: Como se chama a flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **mirassol**

girita s.f. BC. cf. **gambá**

gogó s.m. Região do corpo humano localizada entre o queixo e o pescoço. QSL0105/ALiB: Como se chama esta parte alta do pescoço do homem? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **pomo-de-adão; gurgumin; gondó do pescoço; nó do pescoço**

gondó do pescoço s.m. TT. cf. **gogó**

gongo s.m. Verme encontrado dentro do côco, que dá em esterco, pau podre. QSL087/ALiB: Como se chama aquele bichinho que dá em esterco, pau podre? SL026-1. cf. **migombo**

grampo s.m. Acessório que costuma ser utilizado por mulheres para prender uma parte dos cabelos. QSL0192/ALiB: Como se chama um objeto fino de metal, para prender o cabelo? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **prisilha**

grota s.m. SL. cf. **riacho**

guiné s.m. Ave de médio porte com pernas alongadas, geralmente de cor preta com pintas brancas. QSL067/ALiB: Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2 BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **catraio; galinha da angola; cocá; capote**

gulosa adj. Pessoa que come em demasia. QSL0184/ALiB: Como se chama uma pessoa que normalmente come demais? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2. cf. **comilão; faminto; isgalgada; bom de apetite; tem solitária na barriga**

gurgumin s.m. SL. cf. **gogó**

igarapé s.m. SL. cf. **riacho**

imão de leite s.m. Relação de parentesco entre o filho não biológico que foi amamentado por uma mulher que tem um ou mais filhos. QSL0129/ALiB: O próprio filho da mãe de leite e a criança que ela amamenta são o quê um do outro? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-3; TT030-4.

imbigo s.m. SL. cf. **mangará**

imbocadura s.f. SL. cf. **foz**

imendada s.f. TT. cf. **gêmias**

impachado adj. SL. cf. **cheio**

impanturrado adj. SL. cf. **cheio**

impanzinado adj. SL. cf. **cheio**

ingemada s.f. TT. cf. **gêmias**

inhaca s.f. SL. cf. **catinga**

interruptor (terruptor) s.m. Dispositivo que serve para ligar ou desligar um circuito elétrico. QSL0175/ALiB: Como se chama o objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. **tomada**; **apagador**

isgalgada adj. SL. cf. **guloso**

isqueiro s.m. Objeto que origina uma chama que serve para acender charutos, cigarros, etc. QSL0173/ALiB: Para acender um cigarro, se usa fós.f.oro ou...? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

istiligue s.m. Semiarco que unido à duas tiras de borracha é utilizado como um brinquedo infantil e serve para arremessar objetos. QSL0157/ALiB: Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **baladeira**; **atiradeira**

J

jacá s.m. Peça que se colocar na parte posterior do pescoço do boi de carro. QSL056/ALiB: A peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado? SL026-3; SL026-7; BC028-2; BC028-3. cf. **canga**

jamanta s.f. SL. cf. **papagaio**

janeiro (janêro) s.m. O primeiro mês do ano. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4.

jegue adj. SL. cf. **rude**

joana de barro s.m. TT. cf. **joão de barro**

joão de barro s.m. Ave que costuma fazer um ninho de barro em forma de forno em lugares diversos. QSL066/ALiB: Como se chama a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa? SL026-2; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-3. cf. **joana de barro**

julho (juio) s.m. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2 BC028-3; BC028-4.

junho s.m. O sexto mês do ano. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **mês junino; mês de são joão; mês do bumba-meu-boi**

L

lanterna s.f. Objeto que emite luz e é utilizado para clarear um determinado ambiente. QSL0174/ALiB: Como se chama aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão assim? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

libélula s.f. SL. cf. **macaquinho**

librina da noite s.f. BC. cf. **sereno**

ligado adj. SL. cf. **bêbado**

limpou v. SL. cf. **céu tá abrindo**

língua cumprida adj. SL. cf. **faladeira**

língua de bigode adj. SL. cf. **faladeira**

língua grande adj. BC. cf. **faladeira**

linguaruda adj. BC. cf. **faladeira**

linguarudo adj. BC. cf. **faladeira**

lombada s.f. SL; BC. cf. **quebra-mola**

lombo s.m. Região dorsal do cavalo onde é colocada a sela. QSL075/ALiB: Como se chama a parte do cavalo onde vai a sela? SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; TT030-1; TT030-2. cf. **garupa; costas; espinhaço**

lote s.m. SL; TT. cf. **terreno**

lúcifer s.m. BC. cf. **diabo**

lumbí s.m. BC. cf. **corcunda**

M

macaco seco s.m. BC. cf. **macaquinho**

macaquinho s.m. Inseto de quatro asas transparentes, que voa rapidamente junto às águas em perseguição a outros minúsculos insetos. QSL085/ALiB: Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **libélula**; **catiranga**; **macaco seco**; **cambito**; **caba seca**

macaxeira s.f. Planta de raiz tuberosa que pode ser consumida quando cozida ou frita. QSL050/ALiB: Como se chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

macumba s.f. SL; BC; TT. cf. **despacho**

madrasta adj. A mulher que é casada com o pai de uma pessoa, mas que não é a mãe biológica dela. QSL0134/ALiB: Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

mãe de leite s.f. Mulher que amamenta a criança mesmo sem tê-la parido. QSL0128/ALiB: Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **ama de leite**

maio s.m. O quinto mês do ano. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **mês das noivas**

mala de couro s.f. TT. cf. **bolsa**

mamas s.f. SL; BC. cf. **seios**

manbirá s.f. BC. cf. **gambá**

manco¹ adj. Animal que puxa de uma perna ao caminhar. QSL082/ALiB: Como se chama o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-2. cf. **coxó**; **perneta**; **aleioado**; **cotó**; **caxingó**; **coxoló**; **poxó**

manco² adj. Pessoa que possui alguma deficiência na perna, levando-a caminhar de forma irregular, inclinando-se para um dos lados do corpo. QSL0115/ALiB: Como se chama a pessoa que puxa de uma perna? SL026-3; SL026-4; 6; SL026-7; SL026-8. cf. **anda caxingando**; **coxo**; **perneta**

mandioca s.f. Raiz que fornece fécula da qual se faz a tapioca de goma. QSL051/ALiB: Como se chama uma raiz parecida com macaxeira que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvilho, goma)?

SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

mangará s.f. Parte final do cacho da banana que se assemelha a um grande coração. QSL044/ALiB: Como se chama a ponta roxa no cacho da banana? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **pendão; boi da banana; imbigio; boim**

mão s.f. SL; BC. cf. **patas dianteiras**

mão de maritaca adj. SL. cf. **canhenga**

mão de vaca adj. SL; BC; TT. cf. **canhenga**

mão do cavalo s.f. BC. cf. **patas dianteiras**

mão fechada adj. SL. cf. **canhenga**

mãos s.f. BC; TT. cf. **patas dianteiras**

março s.m. Terceiro mês do ano. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4.

maresia s.f. SL. cf. **onda**

marido traído adj. SL. cf. **cornio**

marram s.m. SL; BC. cf. **carneirinho**

marulho s.m. SL. cf. **onda**

matador de aluguel adj. SL; BC. cf. **pistoleiro**

mau pagador adj. SL. cf. **caloteiro**

medalha s.f. Objeto de metal com gravação de emblemas. QSL0153/ALiB: Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente? SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **berloque; santinho; pigente**

meio fio (meifie) s.m. Borda de concreto que separa a pista da calçada e se estende por toda rua. QSL0197/ALiB: E o que é que separa a calçada da rua? Essa partezinha que separa a calçada, que é justamente o limite da calçada...? SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-3; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

meleca s.f. Sujeira que se acumula na região interior do nariz. QSL0102/ALiB: Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **catraca; catarata; cocô de nariz; papelão**

menina adj. Criança do sexo feminino. QSL0133/ALiB: E se for do sexo feminino, como se chama? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-3; BC028-4; TT030-4 cf. **garotinha; menininha**

menininha adj. SL; BC. cf. **menina**

menininho s.m. BC. cf. **menino**

menino adj. Criança do sexo masculino. QSL0132/ALiB: Criança pequenina, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-3; BC028-4; TT030-2. cf. **menininho; garotinho; pequeno**

menopausa (menoprausa) s.f. Estágio da vida da mulher em que os ciclos menstruais são, quase sempre naturalmente, interrompidos. QSL0122/ALiB: Numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher...? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-2; TT030-3 TT030-4. cf. **climatério; amarrar o facão**

merenda s.f. BC; TT. cf. **café**

meretriz adj. SL. cf. **protistuta**

mês das noivas s.m. SL. cf. **maio**

mês de são joão s.m. [Eh... o mês de junho é «mês de São João», mês do bumba-boi, que eles chama aqui em Maranhão.] SL. cf. **junho**

mês do bumba-meu-boi s.m. SL. cf. **junho**

mês do desgosto s.m. SL. cf. **agosto**

mês do vento s.m. SL. cf. **agosto**

mês junino s.m. SL. cf. **junho**

mês natalino s.m. SL. cf. **dezembro**

mestruação adj. Condição fisiológica feminina que tem como característica principal a perda de sangue mensalmente. QSL0121/ALiB: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso? [Às vezes diz: "ah, fulano, to doente, não como isso porque to doente.". Pra não dizê, ah tô menstruada. (Risos)] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **tá de bode; escrevendo com tinha vermelha; tá de chico; tá na regra; tá doente**

mezirrêro s.m. [Eh... a gente chama, rapaiz, fulano é tão... é tão assim «mezirrêro» faz umas garrafada, benze fula... menino mode um quebrante uma coisa, fulano é rezadô, diz logo assim...] BC. cf. **curandeiro**

migombo s.m. TT. cf. **gongo**

miguel seco s.m. BC cf. **macaquinho**

mindubim s.m. SL. cf. **amendoim**

mingau de milho s.m. Alimento feito com côco, grãos de milho branco e canela. QSL0181/ALiB: Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-3; BC028-4; TT030-2. cf. **minguza**; **quentão**; **chá de burro**

minguza s.f. SL. cf. **mingau de milho**

míope adj. Pessoa que possui uma dis.f.unção ocular na qual a luz não toca na retina, tornando a visualização do ambiente des.f.ocada ou borrada. QSL093/ALiB: Como se chama a pessoa que não enxerga de longe e tem que usar óculos? SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. **vista curta**

mirassol s.m. SL; BC; TT. cf. **girassol**

miseravi adj. BC. cf. **canhenga**

mocha adj. Característica da cabra que não possui chifre. QSL079/ALiB: Como se chama a cabra que não tem chifre? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

mocho adj. Boi que não possui chifre. QSL078/ALiB: Como se chama o boi sem chifre? SL026-3; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

mocotó s.m. SL; TT. cf. **tornozelo**

molares s.m. SL. cf. **dentiquêro**

morto de fome adj. TT. cf. **guloso**

mosca s.f. [Diz que é a «mosca» do olho da gente. O rapaz foi no médico e ele disse que era «mosca».] BC. cf. **terçol**

mosca de berne s.m. TT. cf. **barigeira**

moscão s.m. SL. cf. **barigêra**

mudumbim s.m. SL; TT. cf. **amendoim**

mulher da vida adj. SL. cf. **protistuta**

muriçoca s.m. Inseto de pernas curtas, voo lento, patas cumpridas, que ao bater as asas emite uma espécie de som semelhante a um zumbido. QSL088/ALiB: Como se chama aquele inseto pequeno, de perninhas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **pernilongo**; **praga**

N

nascer do dia s.m. SL. cf. **amanhecendo**

nascer do sol s.m. Momento do dia que marca o aparecimento do sol na terra. QSL023/ALiB: O que é que acontece no céu de manhã cedo quando começa a clarear? SL026-8; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; BC028-2; BC028-4. cf. **alvorecer; sol surgindo; sol nasce; sol vai saindo; sol começa a raiar**

neblina (nebrina) s.f. Fenômeno atmos.férico que se forma a partir de condições de temperatura do ambiente em que ponto do vapor de água se condensa e cobre o solo pouco metros de altura acima dele. QSL 021/ALiB: Muitas vezes, de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **nevoeiro**

neve s.f. TT. cf. **neblina**

nevoeiro s.m. SL. cf. **neblina**

ninguém me pega s.m. SL. cf. **pegador**

nó do pescoço s.m. TT. cf. **gogó**

novembro s.m. O décimo primeiro mês do ano. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2 BC028-3; BC028-4.

nuca s.f. Região do corpo humano que se localiza entre cabeça e as costas. QSL0104/ALiB: Como se chama isto? SL026-1; SL026-3; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-4. cf. **cangote; pé do pescoço**

nuvi s.f. [Diz: "Rapá formô uma nuvi de repente deu uma chuva forte, que quando ela é aturativa, vai formando tempo, tudo azul e vai tumano assim o espaço, rapá levei muita chuva, que faz hora que se forma o tempo, agora quando é rápido diz uma «nuvi»".] BC. cf. **chuva forte**

O

o chifrudo s.m. SL. cf. **diabo**

o paridor s.m. SL. cf. **útero**

o sol saiu v. SL. cf. **tempo tá abrindo**

omeoplata s.f. SL. cf. **clavícula**

onda¹ s.f. Resultante da ação do vento sobre as águas do mar. [As «onda do mar»] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-1; TT030-3. cf. **marisia; banzêro**

onda² s.f. Resultante da ação do vento sobre as águas do rio. QSL006/ALiB: Como se chama o movimento da água do rio? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-1; TT030-3; TT030-4; BC028-1; BC028-2. cf. **marulho**

ônibus (ônis) s.m. veículo automotivo utilizado para transportar uma quantidade significativa de pessoas em percursos urbanos. QSL 200/ALiB: Como se chama a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **coletivo; ônibus urbano; ônibus coletivo; vã**

ônibus de viagem s.m. SL; BC. cf. **ônibus interurbano**

ônibus expresso s.m. SL; BC. cf. **ônibus interurbano**

ônibus intermunicipal s.m. SL; BC. cf. **ônibus interurbano**

ônibus interurbano s.m. Veículo automotivo utilizado para transportar uma quantidade significativa de pessoas de uma cidade a outra. QSL0201/ALiB: Como se chama a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros de uma cidade para outra? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3. cf. **ônibus de viagem; carro de viagem; ônibus intermunicipal; ônibus expresso**

ônibus urbano s.m. SL; BC. cf. **ônibus**

ontem s.m. Dia que antecede o dia de hoje. QSL036/ALiB: Hoje é domingo. E sábado, que dia foi? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

orvalho (urvalho) s.m. BC; TT. cf. **sereno; neblina**

ossinho do pé s.m. BC. cf. **tornozelo**

ossinho gostoso s.m. BC; TT. cf. **tornozelo**

outubro s.m. Décimo mês do ano. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4.

ovelhinha s.f. BC. cf. **carneirinho**

P

pá s.f. BC. cf. **clavícula**

palma s.f. [Tem banana que vem seis, cinco, tem «palma».] BC; TT. cf. **penca**

pálpebra s.m. Fina estrutura membranosa que cobre parte do olho e que possui em suas extremidades os cílios. QSL089/ALiB: Como se chama esta parte que cobre o olho? SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-4. cf. **pestanda**; **capela do olho**

pão s.m. SL; TT. cf. **pão francês**

pão duro adj. SL; BC. cf. **canhenga**

pão francês s.m. Alimento em formato alongado feito de farinha de trigo. QSL0186/ALiB: Como se chama isto? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **pão**

papagaio¹ (papagai) s.m. QSL0158/ALiB: Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha? [O «papagaio» são o menozim e pipa são aqueles grande que eles faz pá empiná e tem umas pequenininha também que eles chamo também de pipa.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-3. cf. **pipa**; **jamanta**

papagaio² s.m. Ave de bicos fortes, com predominância da cor verde, e que possui aparelho fonador que permite imitar diversos sons. QSL068/ALiB: Como se chama a ave de penas coloridas que, quando presa, pode aprender a falar? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-3

papelão s.f. TT. cf. **meleca**

pari v. Ação de expelir a criança do ventre materno. QSL0124/ALiB: Chama-se a parteira quando a mulher está para...? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3. cf. **dá a luz**; **ganhar neném**; **tê filho**; **tê neném**

parteira adj. Mulher que não tem formação em medicina obstétrica, mas é capaz de auxiliar a criança a nascer. QSL0123/ALiB: Como se chama a mulher que ajuda a criança nascer? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

passagem s.f. SL. cf. **caminho**

passeio s.m. SL. cf. **calçada**

pata dianteira s.f. Patas da frente do cavalo. QSL072/ALiB: Como se chama as patas dianteiras do cavalo? SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; TT030-1. cf. **mãos**

pata-cega s.f. Brincadeira infantil a qual uma pessoa é vendada e tenta pegar as outras que estão sem vendas. QSL0161/ALiB: Como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras? [Amarrava um pano no rosto dela pra ela pegar a gente. Ai... que ela pegasse a gente a gente botava o pano dela na gente.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-4; TT030-3; TT030-4. cf. **cabra-cega; bom barquinho; caretado**

patela s.m. Osso situado um pouco depois do joelho. QSL0117/ALiB: Como se chama o osso redondo que fica na frente do joelho? SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-3. cf. **osso do joelho; bolacha do joelho**

pé do pescoço s.m. BC. cf. **nuca**

pé inchado adj. BC. cf. **bêbado**

peão s.m. SL. cf. **diarista**

pega s.m. BC. cf. **pegador**

pegador s.m. Brincadeira infantil em que uma pessoa corre e tenta pegar outra, ao passo que, caso consiga tocá-la, quem passa a querer pegar a outra é quem foi tocado. QSL0162/ALiB: Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; TT030-2; TT030-3. cf. **pega-pega; ninguém me pega; bitica**

pega-pega s.m. SL. cf. **pegador**

peito s.m. Região do tronco, entre o pescoço e o abdome da vaca, onde fica armazenado o leite. QSL080/ALiB: Em que parte da vaca fica o leite? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-2; TT030-3. cf. **ubri; tetas; tenda**

peitos s.m. SL; BC; TT. cf. **seios**

penca s.f. Agrupamentos de bananas. QSL042/ALiB: Como se chama cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer? [A gente chama as «penca» da banana.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-5; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2. cf. **palma**

pendão s.m. SL. cf. **mangará**

pequeno s.m. BC. cf. **menino**

perca s.f. BC; TT. cf. **aborto**

perdeu¹ v. SL; TT. cf. **abortou**

perdeu² v. Expelir naturalmente a cria. QSL060/ALiB: Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria? SL026-1; SL026-4; SL026-6; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **abortou**

perdeu a criança v. Evento em que uma mulher, por motivos diversos, não conseguiu manter o feto no útero. QSL0127/ALiB: Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela...? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-3. cf. **abortou**

perna de alicate adj. SL. cf. **cambota**

perna de breque adj. SL. cf. **cambota**

perna de cangalha adj. BC. cf. **cambota**

perna de gancho adj. SL. cf. **cambota**

pernilongo (pernalonga) s.m. SL; BC. cf. **muriçoca**

persiana s.f. SL. cf. **rótula**

pestanda s.f. SL; BC; TT. cf. **pálpebra**

peteca s.f. Bolinhas de vidro utilizadas, geralmente, por meninos como brincadeira infantil. QSL0156/ALiB: Como se chama as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar? [Diz que o nome certo é «bolinha de gude», mas aqui pra nós é peteca, essas bolas.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4 cf. **bolinha de gude; bolinha**

picada s.f. Caminho limitado aberto com facão no meio do mato. QSL062/ALiB: O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado? SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-7; SL026-8 cf. **passagem; trilha**

pigente s.m. BC. cf. **medalha**

piloto adj. [Chama «piloto» quando enxerga só de um ôio.] SL; BC; TT. cf. **caolho**

pinga s.f. SL. cf. **cachaça**

pipa s.f. SL; BC; TT. cf. **papagaio**

pique-esconde s.m. SL. cf. **esconde-esconde**

piranha adj. SL. cf. **protistuta**

pistoleiro adj. Pessoa que recebe dinheiro para assassinar alguém. QSL0140/ALiB: Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém? SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-3; TT030-4. cf. **assassino de aluguel; matador de aluguel; criminoso; bandido; assassino**

poente s.m. SL. cf. **crepúsculo**

pomo-de-adão s.m. SL. cf. **gogó**

ponte s.f. Peça de tábua que serve de comunicação entre duas extremidades de um rio. QSL002/ALiB: Como se chama o tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um...? [Eh... eh pedah de tábuas que sempre são utilizadas para fazer.] SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-8; TT030-1; TT030-3; BC028-1; BC028-2; BC028-4. cf. **ponte improvisada**

ponte improvisada s.f. SL. cf. **ponte**

pôr-do-sol¹ s.m. SL. cf. **crepúsculo**

pôr-do-sol² s.m. SL. cf. **entardecer**

pôr-do-sol³ s.m. Momento do dia em que o sol desaparece no horizonte. QSL025/ALiB: O que acontece no céu no final da tarde? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **crepúsculo**; **sol se põe**; **sol vai sumindo**

poxó adj. [A gente diz: "ei, esse cachorro tá «poxó»."]. BC. cf. **manco**

praga s.m. SL. cf. **muriçoca**

presépio s.m. Representação do momento do nascimento de Jesus Cristo por meio de maquete. QSL0154/ALiB: No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam isso? [Uma casa que eles faz, com uma manta...zinha no chão. Eh... o menino Jesus na... na... na manta, os animais e um monte de planta assim do lado, como tá veno.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-2.

preza s.f. SL; BC. cf. **canino**

prisilha s.f. BC; TT. cf. **grampo**

prostituta adj. Mulher que usa o corpo para adquirir dinheiro. QSL0142/ALiB: A mulher que se vende para qualquer homem? [Diz qu'essa mulhé está se vendeno. Faz ponto, eh... Prostituição, vende o corpo.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **quenga**; **muié da vida**; **piranha**; **rapariga**; **meretriz**; **vagabunda**; **safada**; **garota de programa**

pucumã s.m. [aquela tinta, tipo uma tinta, que prega na madêra, nas parede...] BC; TT. cf. **tirna**

pudim de cana adj. SL. cf. **bêbado**

puliça s.m. SL. cf. **cigarro de palha**

pulsão s.m. SL. cf. **redemoinho**

purão s.m. SL. cf. **redemoinho**

Q

quartos s.m. BC; SL; TT. cf. **garupa**

quebra-mola s.m. Ondulação transversal colocada no meio da pista para diminuir a velocidades dos veículos ao passarem. QSL0195/ALiB: Como se chama aquele morrinho que se constrói atravessado assim no as.f.alto para que os carros possam diminuir a velocidade? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **lombada**

quebrano a barra do dia v. BC. cf. **nascer do dia**

quenga adj. SL. cf. **protistuta**

quentão s.m. SL. cf. **mingau de milho**

quexal s.m. Dente molar. QSL099/ALiB: Como se chama aqueles dentes, assim, bem grandes, no fundo da boca? SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-8; BC028-1; BC028-3; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

quilina s.f. TT. cf. **crina**

quissila s.f. BC; TT. cf. **suvaco**

quitanda s. f SL; BC; TT. cf. **bar**

quizumba s.f. SL. cf. **despacho**

R

raio¹ s.f. Cabelos compridos na parte traseira do cavalo. QSL074/ALiB: Como se chama o cabelo comprido na traseira do cavalo? SL026-1; SL026-2; SL026-3; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **vassoura**

raio² s.m. Cabelos que ficam na parte de trás do boi. QSL081/ALiB: Como se chama a parte com que o boi espanta as moscas? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

raiar do dia s.m. Momento em que há a emissão de raios luminosos solares devido o nascer do dia. QSL024/ALiB: Como se chama a claridade avermelhada do céu antes do nascer do sol? SL026-1; SL026-4; SL026-6; SL026-7; BC028-2. cf. **tá clareando o dia**

raio¹ s.m. SL; BC. cf. **curisco**

raio² s.m. Luz forte e rápida que se produz entre duas nuvens ou entre uma nuvem eletrizada e a terra. QSL009/ALiB: Como se chama uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-10; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **curisco**

raizeiro adj. TT. cf. **curandeiro**

rapariga adj. SL. cf. **protistuta**

raste s.f. SL. cf. **braço**

redemoinho¹ (redimuinho) s.m. resultado do movimento giratório da água do rio. QSL004/ALiB: Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto? SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-1; TT030-3; TT030-4; BC028-2; BC028-4. cf. **pulsão; funil; purão; banzêro; remanso**

redemoinho² s.m. SL. cf. **pulsão**

redemoinho³ s.m. Movimento rotativo do vento. QSL007/ALiB: Como se chama o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4; BC028-1; BC028-2; BC028-4.

relâmpago (relampo; relâmpa; relâmpa;) s.m. Clarão resultante de descarga elétrica que se produz entre duas nuvens ou entre uma nuvem e a terra. QSL008/ALiB: Como se chama um clarão que surge no céu em dias de chuva? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-9; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4; BC028-1; BC028-2; BC028-4.

remanso s.m. SL. cf. **redemoinho**

retorno s.m. SL; BC; TT. cf. **rotatória**

rezadeira adj. SL; BC; TT. cf. **benzedeira**

riacho s.m. Rio com menor curso de água. QSL001/ALiB: Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura? [Normalmente se utiliza «riacho» para um rio pequeno, «riacho».] SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-8; TT030-1; TT030-3; TT030-4; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **riozinho; rio pequeno; grota; igarapé**

rio pequeno s.m. SL. cf. **riacho**

riozinho s.m. SL. cf. **riacho**

rotatória s.f. Desvio na avenida que permite a intersecção de vários caminhos e possibilita a diminuição de acidentes de trânsito. QSL0198/ALiB: Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm que contornar para evitar o cruzamento direto? SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. **balão; retorno; curva**

rótula s.f. Grade de madeira que algumas janelas possuem e que permitem a passagem de luz e ar entre elas. QSL0169/ALiB: Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade? SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. **veneziana; persiana**

rude adj. Característica da pessoa que tem dificuldade para obter conhecimento sobre assuntos variados. QSL0137/ALiB: Como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **burro; anta; jegue; tapado; ruim da cabeça**

ruge (rujo) s.f. QSL0191/ALiB: Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem mais rosadas? SL026-4; SL026-5; SL026-8; BC028-3; BC028-4. cf. **blush**

ruim da cabeça adj. BC. cf. **rude**

rusaro s.m. [É, é, é, esses que eu conheço aí, deles por aí é «rusaro», pá dá sorte, tem mesmo uma vizinha ali, uma vizinha que tem um rusarão... qu'ê isso, ela, é pra me dá sorte, mode mau olhado, é diferente...] cf. **amuleto**

S

sabugo s.m. É a sobra do milho após ele ter sido debulhado. QSL046/ALiB: Quando se tira da espiga todos os grãos do milho, o que sobra? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **tambuêra; buêra**

safada adj. BC. cf. **protistuta**

sambacação s.f. SL. cf. **cueca**

sanguessunga s.m. Um verme cujo habitat é a água, que pode grudar no corpo de um vertebrado para absorver o sangue. QSL084/ALiB: Como se chama um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado? SL026-1; SL026-7; SL026-8. cf. **chaminchuga**

santinho s.m. SL. cf. **medalha**

sapatão s.m. SL; TT. cf. **dordolho**

satanás s.m. SL; BC; TT. cf. **diabo**

seguro adj. TT. cf. **canhenga**

seios s.m. Parte do corpo da mulher que corresponde às mamas. QSL0111/ALiB: Como se chama a parte do corpo da mulher com que ela amamenta os filhos? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1. cf. **peitos; mamas; úbero**

sem dente TT. cf. **banguela**

semáforo s.m. Hastes fixas para indicar aos motoristas se a via está livre ou não. QSL0194/ALiB: Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com luz vermelha, verde, amarela? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **sinal; sinal de trânsito; farol**

sereno¹ s.m. BC; TT. cf. **chuvisco**

sereno² s.m. Precipitação da atmos.f.era em que o vapor de água é condensado, formando pequenas gotas que se depositam sobre a vegetação durante a noite e pela manhã. QSL 020/ALiB: De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. **librina da noite; chuvisco; orvalho**

sete estrela s.f. [É como se a vista da gente só vesse sete. É por isso que chamam de «sete estrela». Mas tem muito mais.] TT. cf. **via láctea**

setembro s.m. Nono mês do ano. QSL034/ALiB: Quais são os meses do ano? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4.

sifon s.m. Objeto, geralmente, feito de louça utilizado para as pessoas fazerem suas necessidades fisiológicas. QSL0170/ALiB: Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-3. cf. **vaso sanitário; aparelho sanitário; trono; vaso**

sinal s.m. SL; TT. cf. **semáforo**

sinal de trânsito s.m. SL. cf. **semáforo**

sizu s.m. SL. cf. **dentiquêro**

sobe e desce s.m. TT. cf. **gangorra**

soca s.f. Sobra no chão após o corte do pé de arroz ou de fumo. QSL047/ALiB: Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

socó BC. cf. **sura**

sol começa a raiar s.m. TT. cf. **nascer do sol**

sol nasce s.m. TT. cf. **nascer do sol**

sol se põe s.m. TT. cf. **pôr-do-sol**

sol tá se pondo s.m. BC. cf. **pôr-do-sol**

sol vai saindo s.m. TT. cf. **nascer do sol**

sol vai sumido s.m. TT. cf. **pôr-do-sol**

solução (salução) s.m. Contração involuntária do diafragma, acompanhada de um ruído peculiar que é provocado pela passagem do ar na glote. QSL0103/ALiB: Como se chama este barulhinho que nós fazemos? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

sunga s.f. SL. cf. **calcinha**

sura (suru) s.f. Galinha sem rabo. QSL069/ALiB: Como se chama uma galinha sem rabo? SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **socó; toco**

sutiã (chutiã) s.m. Vestimenta feminina que costuma ser utilizada para dar sustentação aos seios sob outra peça de roupa. QSL0188/ALiB: Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **baladeira**

suvaco s.m. Região axilar. QSL0108/ALiB: Como se chama esta parte aqui? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-1; TT030-2; TT030-3. cf. **axila; quissila**.

suvaqueira s.f. SL. cf. **catinga**

suvina adj. SL. cf. **canhenga**

T

tá clareando v. SL. cf. **céu tá abrindo**

tá com catitu s.m. BC. cf. **catinga**

tá com gambar s.m. BC. cf. **catinga**

tá de bode s.f. SL. cf. **mestruação**

tá de chico s.f. SL. cf. **mestruaç**

tá doente s.f. SL. cf. **mestruação**

tá na regra s.f.SL. cf. **mestruação**

tagarela adj. SL. cf. **faladeira**

tanja s.f. Fruto que possui cor alaranjada, sabor cítrico com casca que pode ser retirada facilmente dos gomos. QSL039/ALiB: Como se chama as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? [Parece uma laranja, que a gente descasca, eh... tem um... gostosa... só.] SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **tangerina**, **mixirica**

tapado adj. SL. cf. **rude**

tapuru s.m. BC; TT. cf. **bicho de goiaba**

tê filho v. SL. cf. **parir**

tem solitária na barriga adj. BC. cf. **guloso**

tempestade s.f. Fenômeno atmos.férico marcado por uma chuva muito forte com bastante vento. QSL011/ALiB: Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-12; BC028 -2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-3. cf. **chuva passageira**; **chuva de trivoada**; **ventania**; **chuva grossa**; **toró**.

tempo tá abrindo v. BC. cf. **céu tá abrindo**; **sol caiu**

ter nenem v. BC. cf. **parir**

terçol (treçol; triçol; trêssol) s.m. Inflamação que ocorre na borda das pálpebras que causa aspecto inchado e avermelhado. QSL094/ALiB: Como se chama a bolinha que nasce na pálpebra, fica vermelha e incha? SL026-1; SL026-2; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3. cf. **olho de sapo**; **entressol**; **mosca**; **tressol**

terecô s.m. SL. cf. **despacho**

terra úmida s.f. Estado da terra no qual ela não se encontra seca, mas também não está completamente molhada. QSL 019/ALiB: Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica? SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-20; BC028-2; BC028-3; BC028-4.

terreno s.m. Extensão de terra localizada em meio urbano ou rural, que serve para construções e para plantio. QSL0199/ALiB: Como se chama a área que é preciso ter ou comprar para se fazer uma casa na cidade? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3. cf. **área**; **lote**

tiara s.f. SL. cf. **traca**

tirna s.f. Resíduo de cor preta que, geralmente, se forma na chaminé, acima do fogão a lenha. QSL0171/ALiB: Como se chama aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha? SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. **fuligem**; **pucumã**; **cumunã**

tiúba adj. [É aquele homem que sabe que é corno.] TT. cf. **corno**

toco s.m. Sobra do cigarro após fumá-lo. QSL0146/ALiB: Como se chama o resto do cigarro que se joga fora? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-4. cf. **bituca**; **bagana**; **bidela**; **curtiço**

tocó s.m. Cachorro com rabo cortado. QSL070/ALiB: Como se chama um cachorro de rabo cortado? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **cotó**; **bicó**

tomada s.f. [Pois é, liga aí a lâmpada na «tomada».] BC. cf. **interruptor**

tornozelo (tornuzelo) s.m. Osso situado na região do pé em articulação com a perna. QSL0118/ALiB: Como se chama isto? SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; TT030-3; TT030-4. cf. **mocotó**; **ossinho do pé**; **ossinho gostoso**; **cartunile**

toró s.m. [Rapaz, chuva bem forte a gente chama de «toró».] SL. cf. **tempestade**

torronco s.m. BC. cf. **cigarro de palha**

touro adj. SL. cf. **corno**

trabalhador s.m. BC. cf. **diarista**

trabalhador de aluguel s.m. TT. cf. **diarista**

trabalho s.m. SL. cf. **despacho**

traca s.f. Acessório em forma de arco, geralmente, usado por meninas sobre os cabelos. QSL0193/ALiB: Como se chama o objeto de metal ou plástico que pega de um lado a outro da cabeça e serve para prender também o cabelo? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **tiara**

trambiqueiro adj. SL. cf. **caloteiro**

tramela s.f. Peça pequena, geralmente feita de madeira, que é utilizada para fechar portas, janelas. QSL0168/ALiB: Como se chama aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego, para fechar porta, janela...? SL026-2; SL026-4; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2; TT030-3. cf. **tranca**

trapasseiro adj. SL. cf. **caloteiro**

trasêra s.f. BC. cf. **garupa**

travado adj. SL. cf. **bêbado**

tressol s.m. TT. cf. **terçol**

trezantiontem (tresatonte) s.m. Três dias que antecedem o dia de hoje. QSL038/ALiB: Como se chama o dia que foi antes de...[E mais um dia para trás]? SL026-3; SL026-4; SL026-8; BC028-3; BC028-4. cf. **ante-anteontem**

trilha s.f. SL. cf. **caminho**

trono s.m. SL. cf. **sifon**

trovão s.m. Ruído forte provocado por uma descarga elétrica. QSL010/ALiB: Como se chama o barulho forte que se escuta logo depois de um raio? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-11; TT030-1; TT030-3.

U

úbero s.m. TT. cf. **peitos**

ubri s.m. SL; BC; TT.

urubu s.m. Ave de cor preta que costuma se alimentar de outros animais em decomposição ou até de cadáveres. QSL064/ALiB: Como se chama a ave preta que come animal morto, podre? SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

útero (útro; ventu) s.m. Órgão feminino onde o feto fica armazenado durante a gravidez. QSL0113/ALiB: Como se chama a parte do corpo da mãe onde fica o nenê / bebê antes de nascer? SL026-1; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-4. cf. **entranha; ventre; o paridor; barriga**

V

vã TT. cf. **ônibus de viagem**

vagabunda adj. SL. cf. **protistuta**

vage (bage; vagem) s.f. Local de armazenamento do feijão quando ainda não foi colhido. QSL049/ALiB: Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos? SL026-3; SL026-4; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4.

vareda (vereda) s.f. [Faz uma «vareda» aqui, ó, pá gente passá aqui, ó, no mato fechado.] BC; SL; TT. cf. **picada**

vaso s.m. SL; BC; TT. cf. **sifon**

vaso sanitário s.m. SL; BC. cf. **sifon**

vassoura s.f. TT. cf. **rabo**

veaco adj. BC; TT. cf. **caloteiro**

veneziana s.f. SL. cf. **rótula**

ventania¹ s.f. BC.

ventania² s.f. SL. cf. **chuva de tempestade**

ventre s.m. SL; BC. cf. **útero**

vesgo adj. Pessoa que possui o olho voltado para posições diferentes da posição natural devido o músculo ocular ser deficiente. QSL092/ALiB: Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8. cf. **instalação trocada; zarolho; estrábico**

via láctea s.f. Faixa luminosa branca e bem forte possível de observar no céu em noites claras. QSL033/ALiB: Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto umas das outras. Como chamam esta banda ou faixa? SL026-7; BC028-2; BC028-3; BC028-4. cf. **sete estrela**

virá bunda canasca s.m. TT. cf. **cambalhota**

visagem s.f. SL; TT. cf. **alma**

vista curta adj. [Quando a pessoa tem a vista curta.] BC; TT. cf. **míope**

vomitar v. Expelir forçadamente algo que estava no estômago. QSL0112/ALiB: Se uma pessoa come muito e sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que ela vai o quê? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; BC028-4; TT030-1; TT030-2; TT030-3; TT030-4. cf. **baldiar**

vulto s.m. TT. cf. **alma**

X

xará adj. Referência dada às pessoas que possuem nomes iguais. QSL0143/ALiB: Como se chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente? SL026-1; SL026-2; SL026-3; SL026-4; SL026-5; SL026-6; SL026-7; SL026-8; BC028-1; BC028-2; BC028-3; TT030-1; TT030-2. cf. **xarapinha**; **xarapim**; **comama**

xarapim adj. BC; TT. cf. **xará**

xarapinha adj. BC; TT. cf. **xará**

Z

zanoi (zanoi) adj. BC; TT. C f. **vesgo**

zunzun s.m. TT. cf. **macaquinho**

ANEXO I – Ficha da Localidade

Projeto Atlas Linguístico do Maranhão

Ficha da Localidade

Nº. do Ponto:

Nº. do informante:

1. NOME OFICIAL:

2. NOME REGIONAL:

3. NOMES ANTERIORES:

4. NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES:

a) pelos próprios:

b) pelos habitantes de outras localidades:

9. SUBLOCALIDADES (subúrbios ,sub-distritos, povoações, etc.):

10. COMUNICAÇÕES (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.):

11. DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):

12. DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:

13. DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:

14. CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS DA LOCALIDADE:

15. HISTÓRICO SUSCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes):

16. OBSERVAÇÕES GERAIS:

Anexo II- Ficha do Informante

Projeto Atlas Lingüístico do Maranhão

Ficha do Informante

Nº. do Ponto:

Nº. do informante:

DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1. NOME:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO: A. <input type="checkbox"/> M B. <input type="checkbox"/> F	5. IDADE:	
6. ENDEREÇO:			
7. ESTADO CIVIL: A. <input type="checkbox"/> solteiro B. <input type="checkbox"/> casado C. <input type="checkbox"/> viúvo D. <input type="checkbox"/> outro			
8. NATURALIDADE:		9. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE).	
10. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
11. LOCALIDADE:		12. OUTROS CURSOS: A. <input type="checkbox"/> especialização B. <input type="checkbox"/> profissionalizante C. <input type="checkbox"/> outros	
13. NATURALIDADE A. da mãe: B. do pai: C. do cônjuge:		14. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não	
		15. EM CASO NEGATIVO, POR QUEM FOI CRIADO? NATURALIDADE: A. da mãe adotiva: B. do pai adotivo:	
16. ONDE EXERCE SUA PROFISSÃO (CARACTERÍSTICAS SÓCIO-ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE):			
17. OUTRAS PROFISSÕES/OCUPAÇÕES:		18. PROFISSÃO: A. do pai: B. da mãe: C. do cônjuge:	

20. ASSISTE TV? A. <input type="checkbox"/> todos os dias B. <input type="checkbox"/> às vezes C. <input type="checkbox"/> nunca		21. PROGRAMAS PREFERIDOS: A. <input type="checkbox"/> novelas D. <input type="checkbox"/> noticiários G. <input type="checkbox"/> outro B. <input type="checkbox"/> esportes E. <input type="checkbox"/> pr. religioso C. <input type="checkbox"/> pr. de auditório F. <input type="checkbox"/> filmes	
22. TIPO DE TRANSMISSÃO: A. <input type="checkbox"/> rede gratuita		23. OUVE RÁDIO? A. <input type="checkbox"/> todos os dias enquanto trabalha D. <input type="checkbox"/> parte do dia G. <input type="checkbox"/>	

B. <input type="checkbox"/> parabólica	B. <input type="checkbox"/> às vezes	E. <input type="checkbox"/> o dia inteiro
C. <input type="checkbox"/> tv por assinatura	C. <input type="checkbox"/> nunca	F. <input type="checkbox"/> enquanto viaja
24. PROGRAMAS PREFERIDOS:		25. LÊ JORNAL:
A. <input type="checkbox"/> noticiário geral <input type="checkbox"/> outro	D. <input type="checkbox"/> noticiário policial	A. <input type="checkbox"/> todos os dias semanalmente
B. <input type="checkbox"/> esportes	E. <input type="checkbox"/> música	B. <input type="checkbox"/> às vezes raramente
C. <input type="checkbox"/> pr. religioso	F. <input type="checkbox"/> pr. c/ participação do ouvinte	C. <input type="checkbox"/> nunca
26. NOME DO JORNAL:		27. SEÇÕES DO JORNAL QUE GOSTA DE LER:
_____		A. <input type="checkbox"/> editorial
A. <input type="checkbox"/> local	B. <input type="checkbox"/> estadual	C. <input type="checkbox"/> nacional
		D. <input type="checkbox"/> pr. cultural
		E. <input type="checkbox"/> política
		F. <input type="checkbox"/> variedades
		G. <input type="checkbox"/> classificados
		H. <input type="checkbox"/> outra
		I. <input type="checkbox"/> página policial
28. LÊ REVISTAS? A. <input type="checkbox"/> às vezes B. <input type="checkbox"/> semanalmente C. <input type="checkbox"/> mensalmente D. <input type="checkbox"/> raramente E. <input type="checkbox"/> nunca		
29. NOME/TIPO DE REVISTA: _____		

38. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS DO INFORMANTE:		
A. <input type="checkbox"/> tímido B. <input type="checkbox"/> vivo C. <input type="checkbox"/> perspicaz D. <input type="checkbox"/> sarcástico		
39. ESPONTANEIDADE DA ELOCUÇÃO:		
A. <input type="checkbox"/> total B. <input type="checkbox"/> grande C. <input type="checkbox"/> média D. <input type="checkbox"/> fraca		
40. POSTURA DO INFORMANTE DURANTE O INQUÉRITO:		
A. <input type="checkbox"/> cooperativa B. <input type="checkbox"/> não cooperativa C. <input type="checkbox"/> agressiva D. <input type="checkbox"/> indiferente		
41. CATEGORIA SOCIAL DO INFORMANTE:		
A. <input type="checkbox"/> "A" B. <input type="checkbox"/> "B" C. <input type="checkbox"/> "C" D. <input type="checkbox"/> "D"		
42. GRAU DE CONHECIMENTO ENTRE INFORMANTE E INQUIRIDOR:		
A. <input type="checkbox"/> grande B. <input type="checkbox"/> médio C. <input type="checkbox"/> pequeno D. <input type="checkbox"/> nenhum		
43. INTERFERÊNCIA OCASIONAL DE CIRCUNSTANTES:		
A. <input type="checkbox"/> sim B. <input type="checkbox"/> não		
44. CARACTERIZAÇÃO SUMÁRIA DO(S) CIRCUNSTANTE(S):		
45. AMBIENTE DO INQUÉRITO:		
46. OBSERVAÇÕES:		
47. NOME DO ENTREVISTADOR:	48. LOCAL DA ENTREVISTA:	49. DATA DA ENTREVISTA:
	CIDADE:	DURAÇÃO:
	UF:	